



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ANA CLARA TORRES PEREIRA

“THIS IS REALLY WAR”
UM OLHAR DA VISUALIDADE SOBRE O INGRESSO DOS ESTADOS UNIDOS
NA GUERRA DO VIETNÃ EM 1965

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2024

ANA CLARA TORRES PEREIRA

“THIS IS REALLY WAR”
**UM OLHAR DA VISUALIDADE SOBRE O INGRESSO DOS ESTADOS UNIDOS NA
GUERRA DO VIETNÃ EM 1965**

Trabalho de Conclusão Curso II apresentado ao Departamento de Relações Internacionais como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bárbara Vasconcellos de Carvalho Motta.

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2024

ANA CLARA TORRES PEREIRA

“THIS IS REALLY WAR”
UM OLHAR DA VISUALIDADE SOBRE O INGRESSO DOS ESTADOS UNIDOS NA
GUERRA DO VIETNÃ EM 1965

Trabalho de Conclusão Curso II apresentado ao Departamento de Relações Internacionais como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bárbara Vasconcellos de Carvalho Motta.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Bárbara Vasconcellos de Carvalho Motta

Prof. Dr. Gabriel Fernandes Caetano

Prof. Dr. Geraldo Adriano Godoy de Campos

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2024

AGRADECIMENTOS

Acredito fielmente que tudo que já escrevi é fruto do trabalho de muitas mãos. Agradeço, portanto:

Aos meus pais, Ivana e Raimundo, por cada ladrilho do meu caminho. Mamãe, obrigada por vibrar por cada conquista, por estimular cada livro e cada interesse aleatório, e por me ensinar tudo que sei sobre ir atrás do que quero, com força e reflexão. Papai, obrigada por ser também meu grande torcedor, meu exemplo de compromisso, e por me mostrar a importância de fazer de cada tarefa a melhor possível. Espero honrar os esforços dos dois, hoje e sempre.

Aos meus irmãos, que estão em tudo que sou e faço. À Gabi, por ser minha estrela-guia, que me inspira desde criança a escrever minhas próprias histórias e a buscar ser melhor (o que, para mim, sempre foi ser mais como você). À Ju, por ser meu porto-seguro enquanto me ensina a ser livre, incentivando cada voo, desde que eu pouse na sua casa por uma semana. A Pepeu, por ser meu fiel escudeiro nas empreitadas da vida, por torcer tanto por mim e por ser a melhor e mais hilária companhia durante o TCC (e durante todo o resto). À Gigi, minha sobrinha, que renova minhas energias e me lembra do que realmente importa. A Leo, um irmão do percurso, pelas filosofias conjuntas, pelos conselhos acadêmicos e pelo carinho.

À grande família que me formou. Às avós Adelaide (*in memoriam*) e Anita, pela força, pela ternura e pela fé. Aos tios e tias, primos e primas, pelo afago e pelo acompanhamento deste ciclo.

À Universidade Federal de Sergipe e ao Departamento de Relações Internacionais, onde tive a chance de crescer e aprender sobre um universo tão imenso. Aos meus professores, por darem vida a esse processo. À Professora Bárbara, por me guiar e inspirar como acadêmica antes de qualquer vislumbre deste trabalho, que aceitou orientar ainda em estado germinal e tornou real. Obrigada por entender, explorar e apoiar minhas ideias, meus desvios de rota e minhas conclusões, e por renovar minha conexão com o que pesquisamos a cada troca. Ao Professor Geraldo, que me ofereceu avanços teóricos e direcionamentos para a vida durante suas disciplinas, formando um grande pilar para o que escrevo e contribuindo, ainda, a cada banca. Ao Professor Cairo, que por suas aulas e oportunidades de monitorias, que reforçaram minha paixão pela sala de aula. Ao Professor Bruno, pelas discussões ricas do GEPPRI e pela atenção em todas as recomendações e conversas. À Professora Laila, do Departamento de Comunicação, que contribuiu esteticamente e culturalmente para minha visão de

mundo. Ao Professor Rodrigo, pelas lições metodológicas e conselhos atenciosos. Ao Professor David, pelas valiosas observações durante a primeira banca, construtivas para este resultado final. Ao Professor Gabriel, por também aceitar compartilhar seus conhecimentos na segunda banca e por suas grandes contribuições ao campo de Visualidade e RI.

Aos amores da turma de RI, a quem devo este trabalho e tantos passos destes últimos anos, que demos e continuaremos dando irrevogavelmente juntos. À Mary, pela doçura e pela luz aos nossos dias, que são tão alegres com você. À Dulce, pela companhia incrível e contínua, para longos desabafos e para o que der e vier. À Cris, pelo apoio terno e firme que tanto me sustentou e ensinou. À Lari, pela incrível leveza e pelo humor que faz de tudo uma festa. À Dhâm, pela gentileza brilhante e pelos papos que tivemos, dos mais profundos aos mais sorridentes. A João, com quem tanto sonhei, pelo conforto e pelo companheirismo tão nossos. À Alice, por topar as ideias mirabolantes, por compartilhar todos os percalços e pela parceria linda nessa ferrovia cósmica, tão cotidiana e única; obrigada por esta e todas as aventuras de sempre, e por torná-las mágicas.

Às veteranas e calouras, que abrilhantaram tantos momentos. Marina, Esther, Nalu, San, Iasmin, Paula e Nalívia, obrigada pelo carinho e pela influência, como estudante e como humana. Iza e Stella, obrigada por tanta confiança mútua e pelo afeto, em cada detalhe e papo.

Às amigas da vida, sem as quais não seria possível chegar até aqui. À Maiara, pelas conversas divisoras de águas e pelo colo mútuo. A Lavínia e Guilherme, pela longevidade e pela conexão. À Letícia, pela irmandade genuína e pela torcida animada. À Giulia M., por acreditar e me contagiar. A Pedro A., desatador de nós mentais e calmante certo. À Giulia K., pelo incentivo de anos e certeza dos ombros amigos.

Ao The Human Project, que continua ampliando meus horizontes pessoais e profissionais. Ao projeto Romanceiros do Itanhy, que tanto me ensinou sobre criação de narrativas e o que nos torna seres humanos e sociais. Às amigas que fiz no trabalho, por todo o apoio, torcida e reflexões. Ao projeto Dicotomia, que proporcionou lindas experiências, grandes amigos e o fortalecimento do meu laço com as RI e a comunicação.

Por fim, agradeço profundamente a quem se dispuser a ler o que vem a seguir.

*Nem tudo que é encarado pode ser mudado, mas
nada pode ser mudado até que seja encarado.*

(James Baldwin)

RESUMO

A visualidade representa uma importante avenida de compreensão para as Relações Internacionais, ascendendo nas últimas décadas como tópico de interesse e discussão. Suas contribuições têm sido especialmente observadas no campo de Segurança, no qual deflagra dinâmicas de intervenção, conflito, risco e muito mais. Nesse âmbito, o estudo histórico é um exercício essencial, possibilitando a revisitação de episódios desse universo teórico através de lentes inovadoras e abrangentes. Diante disso, a presente pesquisa volta-se à Guerra do Vietnã, dada sua influência em termos culturais, imagéticos e de comunicação na trajetória dos Estados Unidos e do mundo. Em específico, busca-se compreender o momento em que se decide escalar os esforços estadunidenses em terras vietnamitas, em julho de 1965, debruçando-se sobre a atuação da mídia e do governo na articulação da intervenção; em especial, que imagens foram mobilizadas nessa atuação. Para isso, foram escolhidos os seguintes materiais visuais: 1) a imagem em pôster do “*Aggression from the North*”, *policy paper* produzido pela Agência de Informação em 1965; 2) as imagens veiculadas em julho de 1965 pelo jornal estadunidense *The New York Times*; 3) o documentário “*Why Vietnam*” (1965), também produzido pelo governo, porém veiculado na televisão e em meios institucionais. Com essa análise, espera-se compreender o papel essencial das imagens em análises globais através do tempo, além de perceber de que maneira o campo de Segurança é transformado e aprofundado por esse fenômeno. Em adição, a pesquisa busca examinar a relação entre mídia e governo na veiculação de narrativas securitizadoras, partindo do princípio intervisual e intertextual de que as imagens são centrais e não subordinadas ao discurso.

Palavras-chave: Visualidade, Segurança Visual, Guerra no Vietnã, Securitização, Julho de 1965.

ABSTRACT

Visuality represents an important avenue for comprehending International Relations, and it has been ascending in the last decades as a topic of interest and discussion. Its contributions have been especially observed in the field of security, making intervention, conflict and risk dynamics more evident. In this sense, History is an essential exercise, as it allows us to revisit episodes within the field through innovative and ample lenses. In light of these aspects, this research focuses on the Vietnam War, given its influence on cultural, imagetic and communicational terms throughout the trajectory of the United States and the world. Specifically, we aim to understand the moment when they decided to escalate their efforts in vietnamese land, in July 1965, dwelling on the way media and government behave to articulate an intervention, and what types of images were used for that. In order to achieve that, we chose the following visual materials: 1) the “Aggression from the North” poster produced by the US Information Agency; 2) the images published by The New York Times during July 1965; 3) and the documentary “*Why Vietnam*” (1965), also produced by the Information Agency, but vehiculated by television and other means. Through this study, we hope to better comprehend the role of images in global analysis through time, as well as perceive how the security field is transformed and deepened by this proposal. In addition, the research examines the relation between media and government in transmitting securitization narratives, coming from the intervisual and intertextual principle that images are central and not subordinated to discourse.

Keywords: Visuality, Visual Security, Vietnam War, Securitization, July 1965.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - “Mantendo registros do tempo restante em seu capacete”.....	33
Figura 2 - “Guerra do Vietnã, 1968” pela USIA (Agência de Informação Estadunidense)....	34
Figura 3 - Mapa da Indochina sob colonização francesa.....	36
Figura 4 - Pôster “Entre o martelo e a foice”.....	44
Figura 5 - Mapa da Indochina após os Acordos de Genebra (1954).....	45
Figura 6 - Série de pôsteres “Os Sete Mandamentos do Exército Vietnamita”.....	48
Figura 7 - Pôster “Aggression from the North”.....	60
Figura 8 - Frame 1 (Discurso de Lyndon B. Johnson).....	70
Figura 9 - Frames 2 (Soldado estadunidense no Vietnã) e 3 (Criança vietnamita chorando). 71	
Figura 10 - Frame 4 (Cena de destruição civil).....	72
Figura 11 - Frames 5 (Hitler chega para conferência), 6 (Destruição de patrimônio civil pós-IIIGM), 7 (Mussolini discursa sobre ação na Etiópia) e 8 (Conflito armado no território etíope).....	73
Figura 12 - Frames 27 (Civis mortos e destruição civil) e 28 (Retrato de Ho Chi Minh).....	74
Figura 13 - Frame 20 (Ho Chi Minh com crianças).....	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais autoras mobilizadas para métodos de análise visual em SI.....	55
Quadro 2 - Análise visual codificada de imagens veiculadas pelo The New York Times em julho de 1965 acerca da Guerra no Vietnã.....	64
Quadro 3 - Análise visual codificada de frames representativos de cenas do documentário “Why Vietnam”	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Alguns dos pronunciamentos oficiais do governo estadunidense sobre a Guerra do Vietnã e possíveis decisões de escalada.....	51
Tabela 2 - Categorias e códigos para análise de fotografias jornalísticas propostos por Sherer (1989).....	56
Tabela 3 - Categorias e códigos levados em conta para a presente análise.....	57
Tabela 4 - Análise visual codificada de fotografias do pôster Aggression from the North.....	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 VISUALIDADE, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E SEGURANÇA: UMA VIA EM DESENVOLVIMENTO.....	20
2.1 Visualidade nas humanidades: da virada pictórica às Relações Internacionais.....	20
2.2 Visualidade na Segurança Internacional: o campo da Segurança Visual.....	26
3 GUERRA NO VIETNÃ: UMA BREVE RETROSPECTIVA E O ENVOLVIMENTO ESTADUNIDENSE.....	36
3.1: 1946-1954: A retomada francesa, a Primeira Guerra da Indochina e a Conferência de Genebra.....	42
3.2 1954-1964: O início da Guerra do Vietnã e o “dedo na represa” (1ª fase).....	46
3.3 1965: “Contendo a maré” (2ª fase).....	50
4 VISUALIDADE E GUERRA NO VIETNÃ: GOVERNO, MÍDIA E SUAS INTERSECÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA IMAGÉTICA.....	54
4.1 Aggression from the North: evidências de uma escalada “inevitável”.....	58
4.2 The New York Times em julho de 1965: o visual de um estopim.....	63
4.3 “Why Vietnam”: quando governo e mídia unem-se na legitimação.....	67
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICE A - QUADRO DE CODIFICAÇÃO DE IMAGENS VEICULADAS PELO THE NEW YORK TIMES EM JULHO DE 1965 ACERCA DA GUERRA NO VIETNÃ.....	88
APÊNDICE B - QUADRO DE CODIFICAÇÃO DE FRAMES DO DOCUMENTÁRIO “WHY VIETNAM”.....	97

1 INTRODUÇÃO

Como campo teórico, desde sua gênese, as Relações Internacionais construíram-se a partir de uma base de predominância textual. Para observar essa tendência, basta se reportar a matrizes curriculares de cursos, análises populares, grandes referências de pesquisa: o discurso, especialmente escrito, domina o imaginário geral acerca da área. Diante desse contexto, o presente trabalho busca explorar uma perspectiva em ascensão que pode ampliar a forma com que se entende a política internacional, sua história e suas repercussões: a visualidade.

Em “*Visual Methodologies*” (2001), Gillian Rose aponta que, enquanto “visão” significa, em suma, aquilo que objetivamente enxergamos, “visualidade” é sobre a forma com que acessamos e interagimos com o que vemos; “como vemos, como somos capazes, permitidos, ou levados a ver, e como observamos o ver e o ‘não ver’ nesse contexto” (Foster, 1988 *apud* Rose, 2001 p. 6).

Ao lidar com a realidade, então, aquilo que nos é apresentado como imagem precisa ser devidamente dissecado: por que certas imagens são veiculadas em detrimento de outras? De que maneira se dá essa veiculação? A que tipo de discurso são atreladas as imagens que vemos todos os dias, e por que, por vezes, depositamos no discurso a maior parte do significado, quando as imagens também são escolhidas e capturadas estrategicamente?

No campo da Segurança Internacional, esses questionamentos vêm ascendendo exponencialmente. Para Vuori e Andersen, “Estudos de Segurança Visual estão emergindo como um subcampo dos Estudos (críticos) de Segurança” (2018, p.1), questionando e explorando noções de “seguro” e “inseguro”, “amigo” e “inimigo”, “nacional” e “internacional”, dentre outras. Percebe-se aqui não só uma delimitação de área, mas também de tendência: se a Segurança Crítica “ênfatiza a ambiguidade da Segurança Internacional” (Vuori e Andersen, 2018, p. 2, tradução nossa), a Segurança Visual segue um caminho similar e complementar, que exploraremos a seguir.

Estudar imagens possibilita uma interdisciplinaridade interessante às Relações Internacionais como área, trazendo um enriquecimento de teorias e possibilidades. Para incrementar a atual pesquisa, é interessante mobilizar argumentos da Linguística, da Comunicação, da Psicologia Política, da História, da Filosofia e muito mais. Nesse processo, percebe-se não só as múltiplas potencialidades das RI, como também de inovadoras pontes teóricas. Além disso, a análise visual traz consigo os laços entre ideias, representações, identidades, crenças e muitos outros elementos que formam o papel de um Estado perante

outros. Consequentemente, permite uma melhor compreensão de como e por que uma nação invade, protege e securitiza, através de processos imagéticos - mas não menos discursivos - de legitimação.

Ao pensar sobre essas teorizações de segurança, evidencia-se o fato de que essas dinâmicas conflitantes estão fortemente presentes na história mundial, sendo há séculos eixos de embates, acordos, revoluções e transformações. Dentre inúmeros episódios e momentos, entretanto, o presente trabalho propõe-se a analisar a Guerra no Vietnã; um conflito único não só em seus desdobramentos, porém também na imagética que até hoje evoca. Diante dos cerca de vinte anos de guerra e do vasto material até hoje produzido acerca de suas nuances, debruçamo-nos aqui sobre um período específico: julho de 1965, quando os Estados Unidos consolidam uma ofensiva com o envio massivo de tropas e recursos para intervir no conflito.

A escolha do caso tem, sobretudo, grande justificativa histórica. Parte-se do princípio de que a Guerra no Vietnã foi um episódio formativo em várias vertentes, desde a política internacional até a cultura. Um dos elementos mais marcantes sobre seus desdobramentos foi a sua veiculação, com o advento da televisão nas casas de milhares de famílias estadunidenses e a ascensão da guerra como um tópico popular. Uma guerra inédita, até mesmo em seu desfecho. Sobre esse fenômeno, Mandelbaum discorreu:

A Guerra do Vietnã foi a primeira a ser televisionada. Em suas salas de estar, assistindo às notícias da noite, americanos regularmente viam registros de aviões voando, frequentemente soltando bombas, e tropas em patrulha, por vezes em combate. A Guerra do Vietnã também foi a primeira em que os Estados Unidos sofreram uma evidente derrota. Um exército de meio milhão de americanos falhou em combater os esforços da Frente de Libertação Nacional, e o Vietnã do Norte em derrubar o governo do Vietnã do Sul. Em 1973, as tropas americanas haviam retornado. Em 1975, o Vietnã do Norte conquistou o Sul (1982, p. 157, tradução nossa).

Assim, especialmente em termos de veiculação de imagens e sua recepção, o episódio representa um terreno fértil para o argumento da visualidade e sua relação com o governo, com a mídia e com a população.

O ano de 1965 representou uma escalada dos esforços estadunidenses no território vietnamita; diversos registros de discursos e documentos oficiais marcam esse momento como quando o ingresso tornou-se localizado, organizado e comprometido. O mês de julho especificamente representou decisões que viriam a escalar em uma ofensiva longa. Em 28 de julho de 1965, o então presidente Lyndon B. Johnson anuncia a aprovação do envio de batalhões, falando também sobre “convencer ‘comunistas’ que não podemos derrotar com a força de armas” (Carland, 2000, p. 48, tradução nossa). Para historiadores como George Hering, foi “a coisa mais próxima de uma decisão formal pela Guerra no Vietnã” (1986,

apud Carland, 2000 p. 48, tradução nossa), tendo em vista seus desdobramentos constantes e complexos.

Dessa forma, a análise de imagens midiáticas desse período, aliada à compreensão da narrativa que era disseminada pelo governo, pode evidenciar a visualidade não só como representação dos interesses estadunidenses, mas também como construtora e viabilizadora deles. Interessa, enfim, compreender o que é mobilizado para legitimar o movimento perante a população e a comunidade internacional.

O escopo do estudo justifica-se, ainda, pela ampla gama de recursos e referenciais acerca da Guerra no Vietnã, possibilitando uma análise diversa e contundente. O afastamento temporal em relação a esse momento histórico possibilita não só o acesso a materiais, como também a utilização de um arcabouço teórico crescente acerca da visualidade, buscando uma compreensão do passado, do presente e do potencial futuro de estudos similares.

Partindo do princípio de que serão analisadas a postura da mídia e do governo, resta delimitar quais recursos visuais específicos podem representar cada um dos dois. Para isso, o presente estudo dedica-se a três casos emblemáticos: 1) a imagem em pôster do “*Aggression from the North*”, *policy paper* produzido pela Agência de Informação em 1965; 2) as imagens veiculadas em julho de 1965 pelo jornal estadunidense *The New York Times* (NYT); 3) o documentário “*Why Vietnam*” (1965), também produzido pelo governo, porém veiculado na televisão e em meios institucionais.

O pôster está disponível em plataformas como o *DocsTeach*, oferecido pelos arquivos nacionais. As edições do NYT, por sua vez, foram observadas através da plataforma *Times Machine*, onde é possível acessar versões escaneadas do jornal desde 1851. O documentário, por fim, foi encontrado nos arquivos históricos do canal C-SPAN, além de estar disponível através do *DocsTeach* e do YouTube.

A razão de escolha de cada um desses conteúdos relaciona-se diretamente com a ideia de que imagens estão profundamente envolvidas com processos de securitização, ou seja, de consolidar certas questões como “ameaças existenciais” (Buzan *et al*, 1998). Em primeiro lugar, o jornal *The New York Times* foi selecionado por sua popularidade e alta circulação, sendo o principal do país¹ em termos de notícias no enfoque aqui buscado. Além disso, a postura do NYT também foi um fator decisivo. Sobre isso, Hallin (1986) afirma que, em 1965, o jornal poderia ser visto, de certa forma, como “um instrumento do estado” (p. 71) por critérios como o “uso de fontes oficiais” (governamentais) (p. 72) o “foco no presidente”,

¹ O *Wall Street Journal*, único a superar os números de circulação do *The New York Times* nos Estados Unidos, tem como característica um enfoque financeiro, o que o torna não ideal para a presente discussão.

“ausência de interpretação ou análise” (p. 74) e o “foco em eventos imediatos” (p. 74, tradução nossa). Vale notar que a análise aqui proposta não observa o NYT como uma extensão do governo estadunidense, e buscará criticar algumas dessas noções, especialmente a de que seria possível veicular notícias ou informações de maneira “imparcial”. No entanto, aceita-se que o NYT, especialmente no intervalo observado, apresentou posicionamentos e decisões jornalísticas que ressoavam com o então governo, algo que será melhor aferido e aprofundado durante a pesquisa.

A seleção do pôster e do documentário, por sua vez, são resultado de uma busca por elementos visuais produzidos e veiculados diretamente pelo Estado, a fim de compreender que tipo de imagens foram concebidas pelo governo para veicular mensagens de risco, responsabilidade e securitização, dentre outras. Ambos são materiais visuais produzidos pela Agência de Informação nacional no ano de 1965, e ambos contêm em seu cerne a “missão” de explicar as motivações estadunidenses para ingresso na Guerra no Vietnã.

Além disso, o discurso de 28 de julho de 1965 de Lyndon B. Johnson é um dos focos do episódio “*Why Vietnam*”, algo que o relaciona ainda mais diretamente com o tema e a trajetória aqui circunscrita. É durante essa fala que o então presidente faz uma das declarações mais essenciais ao presente trabalho; discorrendo sobre a decisão de ingressar na guerra, ele afirma: “*this is really war*”, ou “isto é realmente guerra” (C-SPAN, 2011). Cabe aqui discutir o que é, afinal, uma “guerra de fato” visualmente; que tipo de imagens são mobilizadas para transmitir a ideia de que deve-se intervir, combater, agir e, por fim, securitizar uma dada questão. Cabem durante a pesquisa e seu desenvolvimento, ainda, importantes críticas e questionamentos a essas noções em sua essência.

Ainda sobre o documentário, sua seleção ainda traz um outro ponto emblemático. Enquanto o pôster é visto como uma expressão institucional e governamental, e as imagens do jornal são midiáticas, o documentário une essas duas vertentes e tensiona, de certa forma, a separação da Teoria de Securitização entre agente securitizador (Estado) e agente funcional (aquele que reforça e dissemina o processo de securitização, podendo ser a mídia).

Dessa forma, o primeiro capítulo inicia com um breve passeio pelo caminho teórico da visualidade, observando algumas perspectivas fundamentais para o presente trabalho. Este momento, de revisão bibliográfica, começa com autores que estreitam a relação entre imagens e humanidades durante o século XX (Benjamin, 1935; Jervis, 1970; Mitchell, 1994; Mirzoeff, 2010; Bredekamp; 2017). É durante essa aproximação que entra em cena o objetivo de introduzir a temática de Visualidade e Relações Internacionais, intensificada e

diversamente explorada durante as últimas décadas (Bleiker, 2001; Bleiker e Hutchinson, 2008; Gallovcova, 2010; Callahan, 2015; Austin e Bramsen, 2023).

Durante uma faixa de tempo similar, ao fim dos anos 80 e adentrando a década de 90, a esfera particular da Segurança Internacional observa a emergência de perspectivas críticas, que desafiam suas noções tradicionais, centradas no Estado e em métodos usuais de pesquisa (Williams; Krause, 1997). Os questionamentos (e os modos de questionar) transformavam-se, então, diante de fenômenos como a globalização e a massificação de meios de comunicação, e de marcos históricos como o 11 de setembro e a Guerra do Golfo, que influenciam profundamente nosso entendimento da relação entre mídia, governo e opinião pública (Schlag; Geis, 2017).

O encontro dessas trajetórias, enfim, é a Segurança Visual, que abrange a demanda por olhares amplos e críticos de Segurança, e o faz justamente através de fotografias, símbolos, vídeos, dentre outros recursos visuais. Dessa forma, objetivamos observar seu desenvolvimento até os dias atuais, consolidando-se como uma perspectiva inovadora em ascensão (Williams, 2003; Butler, 2010; Hansen, 2011; Schlag, 2015; Vuori e Andersen, 2018; Bleiker, 2018; Särmä, 2018; Cooper-Cunningham, 2020).

Apesar de consideravelmente recente, a Segurança Visual serve como um prisma interessante para observar casos do passado. Com o acesso cada vez maior a arquivos virtuais e novas fontes de informação, é possível argumentar que ela é uma ferramenta essencial, abrangendo variadas possibilidades de revisitação da história internacional e dos fundamentos de interesses, decisões, conflitos e muito mais.

Nesse sentido, o segundo capítulo situa o estudo temporalmente e introduz a Guerra do Vietnã, passando por seus antecedentes e procurando descrever o crescente envolvimento dos Estados Unidos no conflito, o que leva enfim à escalada em julho de 1965. Para além da revisitação de obras diversas sobre o tema (Hering, 1986; Huynh, 1986; Carland, 2000; Quinn-Judge, 2002; Neale, 2003; Moyar, 2009; Thuan e Thuan, 2024), construindo assim uma retrospectiva, utilizamo-nos também do método de pesquisa documental. Nesse sentido, um dos documentos oficiais que serve aqui como apoio é a compilação dos chamados *Pentagon Papers*, que trazem um dossiê detalhado de decisões e comunicações oficiais da época. Inicialmente secretosos, os arquivos foram parcialmente vazados em 1971; 40 anos depois, em 2011, a plataforma *National Archives* disponibiliza-os na íntegra.

Reportamo-nos, ainda, ao que diz Godoy, referindo-se a abordagens qualitativas (como as que foram mobilizadas até aqui): “um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada”

(1995, p. 21). Assim, o primeiro e o segundo capítulos servem como importantes contextualizações, integradas entre si e cruciais para o estudo de imagens de um episódio histórico específico.

É no terceiro capítulo, por fim, que nos debruçamos sobre as três fontes escolhidas, analisando seus recursos visuais e os articulando com o panorama histórico-político ao seu redor. Como apontam Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), “o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos. O documento como fonte de pesquisa pode ser escrito e não escrito, tais como filmes, vídeos, slides, fotografias ou pôsteres” (p. 5). Retomando Godoy (1995), a análise documental permite não só a visão do que era produzido no momento histórico compreendido, mas também (e principalmente) de que forma esses conteúdos relacionam-se com fenômenos práticos.

Para analisar cada um dos recursos visuais em si, passamos primeiramente pelo embasamento teórico construído na revisão bibliográfica. Obras como “*Theorizing the image for Security Studies: Visual securitization and the Muhammad Cartoon Crisis*”, de Lene Hansen (2011), apoiam este estudo ao inferir que o visual e sua securitização podem ser observados através da “imagem em si, seu intertexto imediato, o discurso político mais amplo e os textos que atribuem significado à imagem” (p. 53, tradução nossa). Vale, no entanto, um adendo: apesar de partir do princípio da intertextualidade do visual, em que significados textuais e imagéticos articulam-se entre si, defende-se aqui que essa relação é circular, contrapondo-se à ideia de que imagens são inferiores, menos centrais ou mais “dependentes” que o texto em um estudo. O presente método reporta-se também, nesse sentido, ao que afere Schlag:

Imagens podem ter dois diferentes papéis em processos de securitização e dessecuritização: imagens podem se tornar securitizadas como representações de objetos referenciais, como aferido na análise de Hansen sobre a crise do cartoon dinamarquês (...) Em adição, pode haver imagens que possuem o poder de securitizar objetos referenciais, como a capa da Time de um jovem mulher afegã torturada ou o relógio Doomsday (“dia do juízo final”) do Boletim do Cientista Atômico exemplificam (2015, p. 176, tradução nossa)

Além disso, metodologias alternativas de análise de RI e Segurança Internacional também auxiliam na construção de uma ótica particular. É o caso de propostas como o *collage-thinking* (“pensamento em colagem”) (Särmä, 2018; Sylvester, 2009), que desafiam os moldes tradicionais e de disputa do campo, propondo caminhos que mesclam arte e perspectivas teóricas diversas em um mesmo espaço.

Para além desse suporte teórico para interpretação das imagens, o método para análise de fotografias proposto por Sherer (1989) também é um alicerce dessa metodologia. Para estudar as tendências da mídia durante a Guerra no Vietnã, o autor propôs a utilização de “códigos” associados às fotos, tendo em mente categorias como cena, perspectiva e sujeito primário. O presente estudo leva essas classificações em conta, propondo também expansões e adições que contemplem seu teor de Segurança Internacional.

Em suma, propomos o seguinte questionamento: em termos midiáticos e governamentais, como a visualidade pode auxiliar no entendimento da securitização e da legitimação da escalada dos esforços estadunidenses na Guerra do Vietnã?

2 VISUALIDADE, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E SEGURANÇA: UMA VIA EM DESENVOLVIMENTO

*A relação entre o que vemos e o que sabemos
nunca está estabelecida.*
(John Berger)

Existem diversas formas de abordar o visual, mas algo é certo, confirmando-se perpetuamente: o que vemos importa. Seja no campo artístico, no midiático, no político ou nas esferas que interseccionam esses e tantos outros, as imagens são um prisma através do qual o ser humano comunica-se e compreende o outro. Compartilhamos símbolos, interpretamos paletas de cores, decodificamos expressões faciais; a visualidade rege essas relações e concepções, sendo uma parte central da existência em sociedade.

No campo teórico, especialmente a partir do século XX, esses temas vêm sendo explorados e aprofundados por vertentes diversas. Vale aqui não apenas a compreensão do que é visualidade, mas também o reconhecimento e a valorização de suas contribuições, que se apresentam, historicamente e no presente, como uma espécie de disputa. Tradicionalmente, o texto configura-se como a forma principal de aquisição e transmissão de informações, gerando um prolífero universo de teorias linguísticas através da história. O visual, portanto, é posto como algo secundário, um acessório ilustrativo ao discurso (Schlag, 2015; Bredekamp, 2017). Nesse sentido, Schlag aponta:

A imagem é majoritariamente vista como uma representação em meio a um discurso mais amplo e interpretada como uma expressão simbólica de como imagens são parte e parcela de construções sociais. Apesar de que essa perspectiva fortaleceu nosso conhecimento das implicações políticas da visualidade, ela frequentemente subordina a imagem ao discurso (2015, p. 187, tradução nossa).

Um passo essencial nesse entendimento, portanto, é uma breve retomada da trajetória percorrida pela visualidade: como conceito das humanidades, como campo de contribuição à área de Relações Internacionais e, por fim, em meio a dinâmicas de Segurança Internacional. É um processo que permite não só uma análise aprofundada do tópico, como também deflagra que a imagem e suas repercussões permeiam há tempos o debate acadêmico.

2.1 Visualidade nas humanidades: da virada pictórica às Relações Internacionais

Como já destacado, o século XX foi palco de importantes contribuições para o aprofundamento conceitual da visualidade. Em meados da década de 30, um expoente desse

processo foi Walter Benjamin. Ao observar o advento do que na época eram novos meios de comunicação e expressão imagética, desde a fotografia até o cinema, o filósofo versava sobre questões como a autenticidade e a reprodutibilidade da arte, e como elas se relacionam com seu significado (Benjamin, 1935). Aqui já se observa um ponto interessante na trajetória do debate, que continuará se evidenciando durante a análise: sua forte conexão com o próprio contexto temporal, incluindo as inovações tecnológicas e de comunicação que a circundam.

Ainda sobre a obra de Benjamin, uma de suas principais contribuições reside no tensionamento entre formas tradicionais de abordar o conhecimento e a comunicação, atribuídas ao texto e ao formato discursivo; para ele, a arte também é uma forma de linguagem (Benjamin, 1935; Schneider, 2005). O reconhecimento e o debate acerca dessa acepção é um passo importante em direção da incorporação progressiva da visualidade no debate das humanidades no decorrer do século.

Tempos depois, a década de 90 apresenta um momento-chave de compreensão e ênfase do visual, novamente por aspectos diretamente ligados ao contexto histórico. Globalização, internet e redes de conhecimento são alguns dos termos evocados ao se falar sobre esse momento, que apresentou quebras de paradigma não só no cotidiano, mas também no estudo da visualidade.

Foi nos anos 90, diante dessas transformações constantes, que W.J.T Mitchell trouxe à tona o que percebia como uma “virada pictórica” (1994). Reportando-se a Richard Rorty (1967, 1979), Mitchell compreende que estudar campos tão vastos como as humanidades e sua história é um processo que passa por “viradas”; momentos nos quais novas preocupações e acepções surgem em uma área, tornando-se seu foco e eixo. O autor aponta que o estudo de Rorty culmina, por fim, em uma “virada linguística” nas ciências humanas, descrita como:

um desenvolvimento que tem ressonâncias complexas em outras disciplinas nas ciências humanas. Linguística, semiótica, retórica e vários modelos de ‘textualidade’ tornaram-se *lingua franca* para reflexões críticas sobre artes, a mídia e formas de cultura. A sociedade é um texto. A natureza e suas representações científicas são ‘discursos’. Até o inconsciente é estruturado como uma linguagem (Mitchell, 1992, p. 11, tradução nossa).

Nas décadas de 70 e 80, portanto, foi possível observar a virada linguística como tópico e fenômeno teórico, trazendo consigo uma ênfase ao textual e ao discurso. Ao mesmo tempo, o mundo já vinha se transformando em termos sociais e tecnológicos, com a ampliação do acesso a múltiplos meios de comunicação, transformações culturais e novas

formas de controle da sociedade. Dado esse panorama, emerge uma pergunta central: seria o discurso, escrito ou falado, suficiente?

Diante disso, a virada pictórica dos anos 90 vem como “uma mudança de paradigma dentro das disciplinas acadêmicas atuais (com uma consideração renovada das representações não-verbais) (Mitchell, 2012, p. 134, tradução nossa). Para Santiago Júnior, a proposta de Mitchell é a de que “textos e imagens demandam-se mutuamente como alteridade e complemento” (2019, p. 21), e que o visual não deve ser subjugado ou negligenciado em relação ao discurso.

Também na década de 90, e analisando as concepções de Mitchell, destaca-se o trabalho de Nicholas Mirzoeff. Ao versar sobre a forma com que a visualidade é vivenciada, o autor aprofunda a relação entre imagens e contexto, afirmando que elas “não são estáveis, e sim mudam sua relação com a realidade exterior em momentos particulares da modernidade” (1999, p. 6, tradução nossa). É possível aplicar essa análise para além do momento em que foi escrita, seja na atualidade ou em tempos passados, como o aqui proposto.

Uma contribuição crucial de Mirzoeff reside nos estudos de cultura visual, um de seus focos principais. Sua proposta nesse campo é de uma concepção crítica da cultura visual, utilizando-se de casos como a imagética da escravidão, do imperialismo e do militarismo para compreender suas nuances de controle e poder (2010; 2011). O autor define a visualidade como “um termo do início do século XIX que faz referência à visualização da história” (2010, p. 2). Visualizar a história, para ele, é um processo que passa por mecanismos de autoridade e permissão; do que se pode ver, com limites políticos e subjetivos.

Partindo do princípio de que uma gama de recursos visuais é usada para basear regimes de autoridade, Mirzoeff propõe que o mesmo pode ser feito para construir potenciais insurgências contra eles, questionando e tensionando esses regimes em um movimento que ele denomina como “contravisualidade”. A abordagem do autor, “com e contra a visualidade” (2010, p. 3), evidencia a necessidade crítica de não só incorporar a cultura visual ao debate acadêmico, mas de o fazer de maneira inquisitiva e atenta à forma com que ela foi e é mobilizada.

Pontos de vista similares continuaram sendo explorados, aprofundando-se no vasto potencial do visual. Ao escrever sobre os “atos de imagem” ou “atos icônicos”, Bredekamp (2017) compreende a importância do visual na história da humanidade e reivindica o conteúdo e os significados próprios da imagem, dando-lhe autonomia e também se opondo à noção de que o texto seria superior.

Esse debate foi incorporado, dentre outras áreas, pelas Relações Internacionais. É uma interação que nasce da interdisciplinaridade, dado o que pôde ser observado nesta breve retrospectiva: há tempos as ciências humanas vinham incorporando questionamentos advindos da visualidade e suas repercussões políticas. Nesse sentido, teóricos de diversas áreas passam a contemplar o internacional em suas acepções sobre a visualidade.

Uma das áreas em que esse fenômeno ocorre, gerando importantes contribuições à integração do tema da visualidade às RI, é a da Psicologia Política. Ainda na década de 70, Robert Jervis já abordava o papel da percepção na política internacional; de um Estado e seu líder em relação a outros, de noções de risco e antagonismo, da população diante de governos e outros povos (1976). A percepção, crucial na construção de ações das mais simples às mais complexas no plano internacional, passa também pelo plano da imagem. Para o autor, “o que está em jogo em muitos conflitos é mais a interpretação de eventos e imagens dos atores que o valor intrínseco de partes do território ou grau de influência em países terceiros” (Jervis, 1970, p. 275, tradução nossa).

Vale, contudo, uma indagação: seria a interpretação dessas imagens dissociável de um desejo por influência ou por território? Assim como o presente trabalho, em “*The Logic of Images*” (1970), Jervis propõe-se a analisar o caso da Guerra no Vietnã. Aqui, ao invés de separar o elemento da interpretação visual (nesse caso, dos Estados Unidos em relação ao Vietnã) dos interesses nacionais, podemos argumentar que são complementares e estreitamente relacionados, ao ponto de se confundirem entre si. Afinal, os interesses políticos dos Estados Unidos ao ingressar no conflito vêm de uma longa trajetória de intervenções e sua legitimação, de mecanismos de controle e de uma ideologia belicista única. Essa trajetória, por sua vez, tem a ver com um aparato de símbolos e interpretações das suas imagens acerca de outras nações, seja como aliadas ideológicas ou como passíveis de invasão.

Na década de 2000, Roland Bleiker é outro nome de destaque). O autor discorre sobre uma virada estética nas RI através de noções da Psicologia Política, entrelaçando dois campos que evocam imagens diversas desde sua gênese, como na estética do sofrimento da fome ou em fotos de burocratas apertando mãos e selando acordos (Bleiker, 2001). Ele reconhece, simultaneamente, a importância e a ambiguidade das imagens e seus significados na área (Bleiker, 2001), compreendendo não só o que elas são, mas por que são usadas, e em que contexto estão localizadas. Bleiker oferece a perspectiva, ainda, de que a “inevitável diferença entre o que é representado e sua representação é a exata localização da política”

(2001, p. 510), evidenciando conceitos muito usados na psicologia (percepção, significado, intenção, veiculação, etc.) através da visualidade nas RI.

A maturação dos laços entre visualidade e RI através da Psicologia Política está, ainda, em textos como *“Fear no more: emotions and world politics”* (2008), de Bleiker e Emma Hutchinson. Nele advoga-se por um estudo da política internacional que contemple

A necessidade de aceitar que a pesquisa pode trazer *insights* e ser válida mesmo que engaje fenômenos “invisíveis”, e mesmo que o resultado desses questionamentos não possa ser mensurado nem validado empiricamente; (2) A importância de examinar processos de representação, como representações visuais de emoções e a maneira com que elas moldam percepções e dinâmicas políticas; (3) A disposição a considerar formas alternativas de *insight*, mais notavelmente aqueles que vêm de fontes estéticas, que argumentamos serem particularmente mais adequadas para capturar emoções (2008, p. 115, tradução nossa)

Daqui é possível aferir algumas discussões. Em primeiro lugar, percebe-se que a discussão da visualidade está inserida em um escopo vasto, quiçá um dos mais discutidos dentro do campo do estudo das humanidades: o questionamento do que é válido em uma pesquisa, desde o que é considerado, tradicionalmente, mais “palpável” (dados, análises quantitativas e aceções empíricas no geral), ao que é visto como subjetivo e posto em um local de secundariedade.

Depois, entende-se que a concretude da contribuição de expressões estéticas às RI precisa passar pelo reconhecimento de que emoções, percepção e interpretações, bem como suas adjacências, são centrais à política internacional. Um trauma enfrentado por uma dada nação durante uma crise, por exemplo, pode ser devidamente representado por uma obra artística; ao mesmo tempo, as imagens utilizadas por uma nação inimiga para caracterizar sua contraparte podem ser o instrumento-base e catalisador da crise em si. Aqui vale, ainda, um adendo sobre o que entendemos como representação; parte-se aqui do princípio de que ela é “o processo através do qual emoções individuais adquirem uma dimensão coletiva e, como consequência, moldam processos sociais e políticos” (Bleiker; Hutchinson, 2008).

Adentrando a década de 2010, Alexandra Gallovicova aplica esses debates ao plano global e afirma que imagens buscam “criar um sistema unificado composto de várias impressões de objetos e respostas apropriadas a elas” (2014, p. 21, tradução nossa). Para a autora, nas RI, esse elemento é crucial para questões como a formação de crenças, processos de *decision-making* e a delimitação de papéis no sistema internacional, desde os hegemônicos até os neutros (Gallovicova, 2014).

Dessa forma, para além daquilo que é objetivamente observado em Relações Internacionais (e como evidenciado por aspectos psicossociais), seja em um livro didático ou em uma manchete de jornal, há uma miríade de símbolos e elementos políticos associados. Nesse caso, é possível pensar a construção de uma estética específica (e consequentemente uma percepção) do líder, ligada à responsabilidade ou ao controle; do soldado, ligada à honra e à juventude ou ao senso de intervenção e armamento; das comunidades envolvidas em processos de guerra ou intervenção, ora como submissas ou passíveis de “salvação”, ora como perigosas e não civilizadas.

Em suma, assim como autores observaram, no século XX, uma virada pictórica nas humanidades, o século XXI trouxe um fenômeno similar no estudo específico das Relações Internacionais. É o que Bleiker chama de “virada estética” (2001), tendo em mente um momento em que reconhecer o papel das imagens não seria mais uma escolha teórica a ser feita, e sim algo inevitável. É, ainda, o que Callahan chama (2015), anos depois, de “virada visual”, reportando-se a Shapiro (2013) ao propor “um modo de questionamento que impõe a questão do poder através da ênfase das forças (linguagens, gêneros, aparatos) que estão envolvidos na produção de presença” (Callahan, 2015, p. 11, tradução nossa).

Não basta mais, portanto, compreender o comportamento de um dado ator internacional; é importante observar como esse comportamento é mantido e legitimado, por elementos como fotografias midiáticas e obras artísticas. Faz-se necessário, nesse sentido, dissecar o que permite que esse ator se faça “presente”, como descrito, seja em um imaginário popular, em uma intervenção militar ou em processos de influência no geral.

Os anos recentes têm trazido, ainda, importantes acenos e novas possibilidades. Diante da evidente consolidação do campo de estudo de visualidade e RI, Jonathan Austin e Isabel Bramsen (2023) propõem que novos métodos de análise continuem a ser incorporados. Eles aferem que, para além do elemento de *interpretação* geralmente presente nessas análises (o que a imagem quer dizer e qual é o significado inerente e profundo por trás dela), são igualmente necessárias a *observação* e a *descrição* (Austin; Bramsen, 2023).

A mera observação de um artefato visual pode parecer básica, especialmente diante de uma interpretação complexa nos moldes comumente propostos, como os da semiótica. No entanto, Austin e Bramsen demonstram que observar certas imagens permite “capturar não só interação humana, mas também interações humano-material em um nível granular, evidenciando processos de co-constituição entre o humano e o não-humano” (2023, p. 15, tradução nossa). Em outras palavras, a título de um dos exemplos trazidos por Bramsen (2022; Austin e Bramsen, 2023), observar as interações (desde falas até risadas e

maneirismos) entre dois parlamentares durante uma reunião possibilita, por si só, um entendimento de sua relação, de seu papel com o espaço concreto em que estão presentes e, possivelmente, com as pautas ali propostas.

Reitera-se até aqui, então, que a imagem não é apenas uma forma de representar ou de exemplificar discursos e ações; muitas vezes, ela é exatamente o que os constrói (Vuori e Andersen, 2018; Schlag, 2015; Bleiker e Hutchinson, 2008). Dado o panorama traçado até este ponto, torna-se evidente seu papel, sua percepção e sua interpretação na construção histórica de comportamentos e identidades no plano internacional.

2.2 Visibilidade na Segurança Internacional: o campo da Segurança Visual

É possível concluir, até aqui, que o princípio de que a imagem constrói noções decisivas para a política global através da história é essencial para diversas áreas das Relações Internacionais. Dentre elas, a Segurança Internacional (SI) tem oferecido, nos últimos anos, múltiplas perspectivas na teoria da visibilidade, em uma relação que vem se expandindo e se consolidando como formativa e essencial.

Elementos disso estão presentes desde obras como *“Writing Security”* (Campbell, 1992), que versa sobre noções como a de perigo, sua interpretação e sua influência na construção do campo de Segurança. Campbell propõe, sobretudo, uma visão histórica dos Estudos de Segurança que “manifesta as consequências políticas de adotar um modo de representação ao invés de outro” (1998, p. 350, tradução nossa). Por mais que não abordasse, naquele momento, a questão específica da visibilidade, o argumento do autor ressoa diretamente com suas concepções.

Foi traçada, até aqui, uma trajetória que repetidamente evidencia o emblematismo da década de 90. Ao localizar esses debates temporalmente, alguns acontecimentos se destacam: é o caso do fim da Guerra Fria, que traz a dissolução da União Soviética e a reorganização do mundo ao redor de novas forças em crescimento. Além disso, episódios como a Guerra do Golfo, de 1991, aproximam a noção acadêmica e do público geral da relação entre imagens (agora geradas e propagadas cada vez mais rapidamente) e fenômenos globais (Schlag; Geis, 2017).

Para além das transformações na política global, e das já comentadas inovações de comunicação e tecnologia, o campo teórico das RI observa uma renovação em seus questionamentos e aceções-base: como seguem as nações e blocos recém-dissolvidos ou modificados? Quem e como são os novos agentes internacionais, e o que eles causam?

Considerar novos agentes e lógicas de poder envolve, em primeira instância, a observação da história do campo até o momento. Como um todo e em sua vertente de Segurança, as Relações Internacionais vinham em uma trajetória de amplificação de certas vozes e decisões em detrimento de outras, favorecendo hegemonias e a manutenção de uma academia que não contemplava interesses diversos em localidades e identidades, dentre outros aspectos.

É em um esforço para questionar essa realidade que surgem perspectivas como a de Amitav Acharya (1995), que teorizava, naquele tempo, sobre Segurança e Terceiro Mundo. Aumentar o alcance da área envolve, afinal, também a inclusão de novas narrativas, especialmente daqueles que sofrem, muitas vezes, com os efeitos práticos de suas políticas. Esse caminho é descrito da seguinte forma:

Como outros conceitos-chave de relações internacionais, a segurança internacional assumiu um universo westphaliano de Estados-nação e se voltou primariamente às respostas de sociedades e governos ocidentais, particularmente dos EUA, ao problema da guerra. As questões e experiências dentro do outro segmento, coletivamente rotulado como Terceiro Mundo, não foram completamente incorporadas ao discurso dos Estudos de Segurança (Acharya, 1995, p. 2, tradução nossa).

Para além dessa incorporação contundente, reiteramos que é necessário pensar nas dinâmicas globais particulares àquela época. Em 1997, Michael C. Williams e Keith Krause comentavam:

O que precisa ser assegurado (tanto intelectual quanto praticamente) dentro das convenções dos Estudos de Segurança? Uma resposta simples e não completamente distorcida é “o Estado”. Tendências recentes na política global e desenvolvimentos intelectuais nas Relações Internacionais desafiaram essa resposta de várias formas. Novas questões e percepções de ameaça, as dinâmicas gêmeas de fragmentação e integração de Estados existentes, e os obstáculos à soberania diante de um espectro de forças trans e subnacionais ofereceram um vigor considerável para discussões atuais acerca da natureza da Segurança e da adequação de uma definição estadocêntrica dela (p. ix, tradução nossa).

Dessa forma, novos elementos passam a ser considerados e centralizados no debate de Segurança. Essas transformações não se resumem, no entanto, a uma crítica ao destaque que a área da SI vinha dando ao Estado e suas nuances (em detrimento de outras formas de organização política e de dinâmicas globais trans e subnacionais); são principalmente voltadas ao “entendimento de como o Estado resolve o problema da ordem política em si” (Williams e Krause, 1997, p. x, tradução nossa). O Estado passa a não ser, portanto, “suficiente” para explicar todos os desdobramentos e decisões no campo internacional, e seu

papel como assegurador do que se entende como seguro (em detrimento do que é considerado inseguro, fora das fronteiras domésticas) é posto em xeque.

Questionar ideias estadocêntricas e usuais, dentre outras nuances do campo de SI, é um passo essencial que levaria, naquela época, aos Estudos de Segurança Crítica (*Critical Security Studies* ou CSS). Para compreender o que seria essa análise crítica, por sua vez, é necessário entender que ela pode tomar diferentes formas. Em primeira instância, pode-se usar uma abordagem semântica: crítica vem do grego *kritikos*, significando uma “habilidade de fazer julgamentos” (Peoples; Vaughan-Williams, 2020). É uma possibilidade conceitual, porém ainda ampla. Para afunilar esse significado, se entendemos que uma das bases da Segurança “tradicional” seria a noção de que esse campo de estudo é algo rígido e constante em seus significados e provisões (o Estado como centro, o zelo pela proteção e pela soberania territoriais, o nacional vs. o internacional, etc.), então a Segurança Crítica seria aquela a propor uma alternativa: a de “tomar a questão da mudança como sua base” (Williams e Krause, 1997, p. xii).

Para Krause e Williams, portanto, os Estudos de Segurança Crítica seriam um espaço que reconhece que conceitos de SI não devem ser garantidos ou estáticos, e sim constantemente transformados. No geral, observa-se essa ampliação até mesmo no escopo do que é propriamente um “problema de Segurança”, antes limitado à esfera militar e de defesa, mas gradativamente passando a englobar questões como Segurança Alimentar, a Segurança Ambiental, dentre outras possibilidades. Aprofunda-se, ainda, a percepção de quem são os envolvidos nos processos de Segurança, incluindo então elementos como instituições, a sociedade e a mídia na equação de maneira cada vez mais ativa (Peoples; Vaughan-Williams, 2020). Vale notar, ainda, que autores construtivistas como Alexander Wendt (1999) escreviam, naquele momento, sobre como o seguro e o inseguro são conceitos construídos socialmente, através de interpretações e interações subjetivas; mais um ponto a favor da dinamização do campo e de seus princípios. Esse é um universo que avança várias discussões críticas à área naquele momento, mas que continuará a se desenvolver e se tornar mais específico com o passar dos anos.

Ainda nos anos 90 e nesse terreno de renovação, contribuições foram feitas pela Escola de Copenhague, advinda do *Copenhagen Peace Research Institute* (Tanno, 2003). A Teoria da Securitização é uma delas, bem como um entendimento acerca de como se dá, exatamente, a securitização de uma questão; como e por que ela é apresentada e aceita como “uma ameaça existencial” (Buzan *et al.*, 1998, p. 24) à sociedade.

Para explicar essa dinâmica, Buzan, Wæver e de Wilde apontam três pontos essenciais: o objeto referente, o ator securitizador e os atores funcionais (Buzan *et al.*, 1998). O objeto referente seria aquilo a ser “assegurado”, que corre risco. Os securitizadores são os que determinam essa segurança, desde o momento de afirmar que algo deve ser protegido até a proteção em si. Os atores funcionais, por fim, não se inserem nessas últimas categorias, mas participam, mesmo assim, do processo de securitização; podem, por exemplo, propagar seus princípios em massa.

Uma forma proveitosa de entender essa disposição é o caso aqui proposto, da Guerra no Vietnã. Começando pelos objetos de referência, é importante partir do ponto defendido pelos Estados Unidos: seus valores nacionais de democracia liberal estariam sendo ameaçados pelos ditos avanços do comunismo (traduzidos no conflito vietnamita). A narrativa ia além, ainda, como observaremos durante a pesquisa: a guerra seria um risco não só nacional, mas internacional, a todos os aliados e à parte da população vietnamita, vista como algo a ser “salvo” e integrado às ideias ocidentais. Se entende-se esses pontos (interesses nacionais, democracia liberal global e população vietnamita) como objetos referentes, é possível aferir que os Estados Unidos seriam o ator securitizador. Para fins da análise proposta, por fim, um agente funcional de destaque seria a mídia, que trouxe esses ideais e o processo de securitização às notícias impressas, à televisão, aos filmes e às atividades corriqueiras da população estadunidense. Discussões antes atribuídas a documentos burocráticos alcançaram, naquele momento, milhares de jantares em família, salas de estar, conversas no trabalho e muito mais.

Os anos 90 foram palco, portanto, para a ascensão de discussões acerca da importância da imagem no estudo de humanidades diante dos novos meios de comunicação e das tecnologias emergentes. O fato de que essas discussões ascendem em um momento concomitante às teorizações da Escola de Copenhague e aos supracitados “aprofundamento” e “ampliação” do campo de Segurança é especialmente interessante, já que é um ponto na história em que, nesses dois campos (na academia de humanidades e na SI), entendimentos prévios do que seria tradicional e verdadeiro são interrogados.

A perspectiva construtivista já citada suscita, ainda, perspectivas que muito importam para o estudo da visualidade. Partindo do princípio de Wendt, de intersubjetividade de significados (um sujeito X é o que é pois um sujeito Y o interpreta como tal, e vice-versa), pode-se argumentar mais uma vez que a análise imagética é um passo essencial do estudo não só de Segurança Internacional, mas de Relações Internacionais como um todo. Isso porque a identidade, conceito central nessa lógica, também passa indissociavelmente por uma

construção visual. Cores, símbolos e diversos outros elementos são mobilizados não só por uma população para se referenciar (um processo aparentemente vindo do “interno” para fins internos), mas também por agentes “externos” entre si. A partir disso são formadas alianças, inimizades, identificações e processos de diferenciação, que não só integram uma identidade nacional ou internacional, mas a formam, essencialmente.

Retomando a trajetória teórica do campo de Segurança e das Relações Internacionais, os anos 2000 trazem luz a conceitos diversos; dentre eles, a visualidade ganha importantes acenos. Em “*Words, Images, Enemies: Securitization and International Politics*”, Williams revisita as ideias da Escola de Copenhague e faz questionamentos acerca de seu foco no discurso, sugerindo que a forma com que a comunicação se desenvolveu através dos tempos torna necessária uma análise de imagens, conectadas diretamente a processos de securitização (2003). Para Lene Hansen (2011), no entanto, essa é uma preocupação que há muito tempo permeia a Segurança, em sua própria construção teórica.

Ao unir as proposições da Escola de Copenhague e o que percebe como um longo caminho do visual nas RI, Hansen compreende que “estudar a securitização visual é engajar os processos através dos quais imagens vêm a ter implicações políticas” (2011, p. 53, tradução nossa). A autora propõe uma análise intertextual e intervisual, que compreenda de que forma discurso e imagem interagem entre si para que uma questão venha a “requerer medidas emergenciais e justificar atores fora dos limites normais do procedimento político” (Buzan *et al.*, 1998, p. 24, tradução nossa).

Esse ponto de vista e suas implicações continuam sendo explorados, como no caso de textos como “*Frames of War*”, de Judith Butler, que discorre acerca do fenômeno da guerra e de como as “molduras” através das quais imagens bélicas são retratadas trazem consigo valores e ideias do que é uma vida digna, de legitimação de violência e de vulnerabilidade, dentre outras (2010). Aqui percebe-se, mais uma vez, a consolidação da ideia de que imagens são parte do processo de construção de políticas muito específicas, que vão desde o momento da decisão pela invasão até os efeitos práticos (e devastadores) dela.

Na década de 2010, Schlag (2015) também é uma das autoras que integram nossa trajetória, propondo que a “a ligação entre imagens e política não é simplesmente causal, mas sim constitutiva” (p. 92, tradução nossa). Em “*Imaging Security*”, a autora observa o caminho até então traçado entre os Estudos Críticos de Segurança e a visualidade, além de propor uma metodologia de análise que abrange as múltiplas camadas dessa interação. Para Schlag, uma abordagem visual deve incluir os seguintes passos: 1) uma compreensão de quais contextos de visualidade serão analisados, em forma da “produção, a imagem e a audiência, bem como

suas diferentes modalidades técnicas, composicionais e sociais” (2015, p. 193, tradução nossa); 2) uma análise da imagem em si, que pode ser feita através das ferramentas da iconologia (mas não exclusivamente); e 3) “conectar os resultados dessa interpretação de dados visuais com questões relevantes a teóricos de RI e Estudos de Segurança” (2015, p. 194, tradução nossa). Aqui percebe-se mais um ponto de consolidação importante na relação segurança-visualidade, incluindo métodos e um panorama geral do estado da arte.

Em 2018, a coletânea “*Visual Security Studies: Sights and Spectacles of War*” representa um novo passo para a área, trazendo discussões sobre *surveillance*, representações imagéticas de risco e a Segurança Visual como proposta, dentre outros temas. No capítulo 1, Vuori e Andersen defendem que

Primeiramente, pensamos em visualidade não só como algo sobre objetos que apresentam segurança de alguma forma (“imagens de segurança”), mas também, em segundo lugar, sobre como a visão e a aparência são parte de todas as rotinas burocráticas, encontros cotidianos, e cada minúscula decisão que tem sido estudada sob o guarda-chuva de práticas de segurança (“práticas visuais de segurança”). Em terceiro lugar, entendemos que a pesquisa de segurança visual pode ser não só sobre o estudo de “elementos de segurança” que podem ser vistos (seja enfatizando imagens ou as práticas que produzem experiências visuais), mas também sobre o uso de modalidades visuais na investigação) (2018, p. 5, tradução nossa).

Os autores propõem, em suma, que a visualidade pode ser vista de três diferentes formas no campo de Segurança Internacional: “como modalidade (ativa em representações e sinais de segurança); como prática (ativa na ação de segurança); e como método (ativa na investigação da segurança)” (2018, p. i, tradução nossa). É uma lógica que abrange as possibilidades do tema, muitas vezes visto apenas através da primeira ótica. É também uma proposição importante para uma pesquisa como a atual, que busca observar as potencialidades diversas da imagem em processos de securitização.

Outros teóricos recentemente têm se reportado a essa categorização “tripartite”, incluindo Cooper-Cunningham (2020), que afirma que, no estudo de um recurso visual, “não são importantes apenas outros textos e imagens; também devemos considerar como uma imagem circula, como é usada, e como é falada sobre: ela atravessa fronteiras, é usada em protestos ou captura atenção generalizada?” (p. 2, tradução nossa). Aqui é reiterado o ponto sobre a realidade que cerca cada imagem, incluindo outros elementos que, em harmonia com ela, aproximam-nos de sua compreensão.

Nesse sentido, Bleiker aponta que a contemporaneidade apresenta importantes adições à discussão, transformando a lógica da reprodução das imagens e as hierarquias entre quem as produz e quem as consome (2018). *Smartphones*, redes sociais e adjacências são pontos

essenciais na compreensão da Segurança Visual hoje. São aspectos que, à primeira vista, podem ser entendidos como contributivos apenas para a análise de imagens atuais, em circulação virtual massiva. No entanto, e pensando em casos como o da Guerra do Vietnã (dentre outros), entende-se aqui que avanços tecnológicos podem ser uma importante ferramenta no estudo histórico de imagens, propondo um maior acesso a arquivos e materiais visuais diversos. Além disso, essa retrospectiva é importante porque, na SI, “os entendimentos atuais e dominantes residem em parte em uma série de afirmações sobre a história da segurança e a evolução do pensamento sobre ela” (Williams e Krause, 1997, p. 36, tradução nossa). Há, dessa forma, um maior horizonte de possibilidades acerca não só do *que* pode ser estudado sobre esse ou outros períodos, mas também de *quem e como*.

O presente trabalho encontra-se, portanto, diante de uma gama vasta de ideias. Por certa ótica, essa diversidade pode impor uma eventual escolha por um caminho lógico único; que leve, por sua vez, a uma respectiva metodologia específica. No entanto, parte-se aqui do princípio de que, para analisar imagens na área de Segurança Internacional, e levando em conta abordagens críticas, é necessário não só pensar em novos métodos; deve-se unir prismas múltiplos, criando assim uma maior capacidade para elementos e recursos “novos” (ou melhor, recente e gradativamente incorporados pela área).

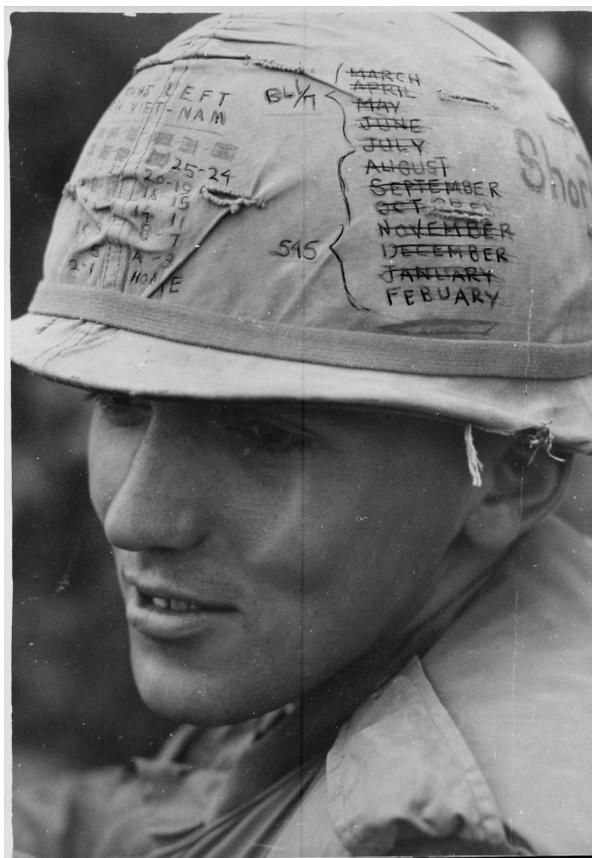
Por isso, perspectivas como a de Saara Särmä (2018) também são parte essencial deste repertório. A autora reporta-se a Christine Sylvester, que propõe uma relação de interação e inspiração da área de RI com o estudo da arte, o que pode se traduzir em manifestações como a colagem (2007, 2009). Ao evocar o termo “colagem”, Sylvester o faz tanto de maneira objetiva, como uma forma artística que une imagens distintas e permite a interpretação do espectador em relação a seus significados e conexões (2009), como também aplicada às RI, definindo-a da seguinte forma:

Uma colagem que unisse arte e relações internacionais não simplesmente “reinterpreta” o antigo. Ela criativamente colocaria em sobreposição materiais, temas e metodologias distintas como formas de contemplação e estabelecimento de novos pontos de nexos. Uma obra de arte específica pode nos auxiliar a imaginar os resultados, o que é apropriado para a discussão que foca na visão em detrimento de habilidades linguísticas (p. 178, tradução nossa).

Para compreender essa proposta de colagem, é interessante fazer uma breve análise imagética conjunta. O primeiro passo para um exemplo pode ser a seguinte fotografia de 1968, que tinha como descrição original a legenda “Vietnã... Um soldado aéreo da Primeira Divisão da Cavalaria (aeromóvel) mantém registros do tempo que lhe resta em seu capacete

de ‘tempo curto’, enquanto participa da Operação Pershing, perto de Bong Son” (*National Archives*, 2024, tradução nossa):

Figura 1 - “Mantendo registros do tempo restante em seu capacete”



Fonte: *National Archive* (via *DocsTeach*), 1968.

A visão do soldado estadunidense em questão pode levar a algumas reflexões. O elemento da *temporalidade*, por exemplo, é evidenciado pelos escritos no chapéu, denotando o caráter árduo do esforço de guerra feito pelas tropas enviadas. Este ponto leva, por sua vez, a outro: os soldados são rapazes, a *juventude* nacional. A foto exprime, na junção entre o jovem militar e seu chapéu, a ideia de tempo precioso, devoto e sofrido por parte do grupo social. Destaca-se o fato de que os EUA, em conteúdos midiáticos e governamentais, frequentemente se referem a eles como *our boys* (nossos garotos). Portanto, sua *idade* e a gravidade da situação, que os impunha o exílio e tomava suas vidas (ceifando-as ou as prejudicando irrevogavelmente), são tópicos importantes na compreensão dessa realidade.

Na criação de uma colagem, o segundo passo é mobilizar mais recursos visuais. Por isso, voltemos o olhar à próxima fotografia, também de 1968, provavelmente capturada após

a Ofensiva do Tet e descrita como “mulheres aterrorizadas e crianças fogem sob a direção de tropas sul-vietnamitas” (*U.S History Scene*, [s.d.]).

Figura 2 - “Guerra do Vietnã, 1968” pela USIA (Agência de Informação Estadunidense)



Fontes: *National Archive*, 1968; *USIA/DOD* (via pingnews), 2007.

Ao se deparar com a tragédia exposta pela foto, a *morte* é um dos elementos de maior destaque e choque em sua composição. A morte, por sua vez, também evoca uma ideia de *temporalidade*; seja por significar, em algumas sociedades e concepções, o “fim” da existência concreta de um indivíduo, seja pela forma com que ela se apresenta na foto: são *jovens* vietnamitas. O fator é aprofundado, ainda, quando se observa os outros componentes da foto: há uma senhora e uma jovem fugindo à direita, e crianças fazendo o mesmo à esquerda. Um amplo espectro de *idades* e vivências é visível, então, trazendo atenção ao fato de que a guerra assola, de maneira desoladora, diferentes camadas da sociedade vietnamita.

Retomando o escopo da colagem, é possível imaginar uma que una essas duas fotos. É uma sobreposição entre duas imagens que evocam, como observado, noções similares, como tempo e juventude. Por outro lado, essa sobreposição é justamente o que evidencia as diferenças entre as duas perspectivas, estadunidense e vietnamita. Essa dicotomia destacada entre o que os aproxima e os distancia também aprofunda o entendimento sobre a forma com que as forças jovens estadunidenses são mobilizadas para intervir no Vietnã. Essa mobilização, por sua vez, é feita em grande parte por figuras políticas e elites que não costumam ser apresentadas em fotografias de guerra.

As contribuições da colagem não se resumem, no entanto, à análise prática de imagens. Discorrendo sobre esses potenciais, Särmä (2018; Sylvester, 2009) destaca uma possibilidade emblemática, que se torna central para o presente trabalho: a da “colagem teórica”. Tendo em mente as características de união e justaposição da colagem artística, a proposta transporta esses aspectos ao devir acadêmico. Como descrito pela autora:

A colagem teórica permite que uma discussão ascenda entre diferentes escolas de pensamento, apesar e através de barreiras disciplinares, para que a estrutura do campo, que ela (Sylvester) descreve como um fator definidor da disciplina de RI atual, possa ser superada de maneira frutífera. A colagem teórica tem como objetivo evitar a competição desnecessária entre diferentes abordagens, mesmo quando destaca contrastes entre elas. O ponto-chave de fazer o trabalho de colagem, teórica e metodologicamente, reside na possibilidade de manter viva a imaginação do sujeito. (Särmä, 2018, p. 116, tradução nossa).

Em outras palavras, a colagem teórica seria uma “metodologia lúdica” (Särmä, 2018, p. 116); uma alternativa que une estudos visuais, arte e ideias alternativas acerca de como deve ocorrer a pesquisa científica. No presente caso, em adição, ela pode também abranger a Segurança Internacional.

Foi construída, até aqui, uma trajetória de vários pontos de vista acerca da relação entre RI, SI e visualidade; alguns condizentes e outros contrapostos. Entre eles, um denominador em comum parece existir: a crença de que imagens são responsáveis por veicular e construir noções de segurança e insegurança, dentre identidades, conflitos e intervenções. Por um lado, a sobreposição dessas visões (como em uma colagem) põe em evidência suas intersecções; por outro, ela permite melhor entender as distinções entre elas, unindo potenciais diferentes e, por vezes, complementares. Dessa forma, busca-se explorar todas essas perspectivas, unindo-as e explorando suas potências diante das imagens e do fenômeno histórico em questão.

3 GUERRA NO VIETNÃ: UMA BREVE RETROSPECTIVA E O ENVOLVIMENTO ESTADUNIDENSE

Não havíamos escolhido ser degradados pelos franceses, ser divididos por eles numa trindade profana de norte, centro e sul.
(Viet Thanh Nguyen).

A Guerra no Vietnã é um fenômeno histórico que permeia, através das décadas, o imaginário político-cultural ao redor do globo. De livros históricos a romances, de documentários a filmes hollywoodianos, de relatos orais a registros fotográficos; a memória do Vietnã parece reverberar consistentemente até os dias atuais, despertando interesse e questionamentos constantemente renovados desde o século XX.

No entanto, a série de eventos que pavimentou a trajetória do conflito iniciou ainda antes do século XX em si. No ano de 1883, a França completou sua conquista da Indochina, que englobava Vietnã, Laos e Camboja; um marco histórico decisivo para o conflito no Vietnã, que passa a ser dividido em zonas administrativas: Tonkin ao norte, onde fica Hanoi, Aname ao centro, onde fica Hue, e Cochinchina ao Sul, onde fica Saigon (Neale, 2003).

Figura 3 - Mapa da Indochina sob colonização francesa



Fonte: *Quickworld's Map of the Day*, 2022.

A partir do século XX, a colonização traz transformações decisivas ao cotidiano da população vietnamita, como a concessão de terras nacionais a empresários franceses e o empoderamento desses donos de terras, além de aumentos nas taxações de produtores locais (Neale, 2003). Na prática,

(...) A questão da terra, para trabalhadores no Vietnã e em qualquer outro lugar, é uma questão de trabalho, dor e comida. Não é uma questão abstrata. Eles sabem que o dono das terras leva metade do arroz e o governo pega uma parte em adição a isto. Sua exploração não é mistificada, nem difícil de entender. Eles cultivam o arroz, então alguém vem, leva o arroz e o come. Eles sentem seu trabalho, sua fome, seus corpos todos os dias (Neale, 2003, p. 11, tradução nossa).

A realidade era, portanto, de insatisfação e precariedade crescentes. Diante disso, em meados da década de 20, trabalhadores vietnamitas passam a se organizar em torno de mazelas, demandas e ideias em comum. Para Huynh (1986), de 1925 a 1927, o país observa a ascensão do chamado “patriotismo revolucionário” (p. 26, tradução nossa), dado o desejo da juventude nacional por novas ideologias contra o colonialismo e o sistema socioeconômico vigente no geral.

Uma figura importante nesse momento foi Nguyen Ai Quoc (“Nguyen, o Patriota”), nome então utilizado por quem viria a se tornar, anos depois, o primeiro presidente da história da República Democrática do Vietnã: Ho Chi Minh. O então jovem revolucionário vinha construindo um papel na representação de perspectivas vietnamitas há algum tempo; ainda em 1919, divulgou a petição “As Demandas da População Vietnamita” para aqueles que participariam da Conferência de Paz de Paris (Quinn-Judge, 2002). Eram elas:

1. Anistia geral para todos os presos políticos; 2. Reforma da justiça da Indochina, dando a nativos as mesmas garantias judiciais dos europeus; 3. Liberdade de imprensa e opinião; 4. Liberdade de associação; 5. Liberdade de emigração e viagem; 6. Liberdade de instrução e a criação, em todas as províncias, de escolas técnicas e profissionais para pessoas indígenas; 7. Substituição do governo por decreto pelo governo por lei; 8. Eleição de uma delegação vietnamita permanente no Parlamento Francês, para mantê-lo informado dos desejos da população indígena (Quinn-Judge, 2002, p. 12, tradução nossa).

Apesar de não terem sido atendidas pela França colonialista, essas demandas são um reflexo importante de grande parte da população vietnamita da época. Evidencia-se não só a latente desigualdade que assolava o país, mas também a privação de diversas liberdades e direitos enfrentada por seus cidadãos, que clamavam por garantias básicas ainda em um molde colonial. A estrutura dessas demandas tornaria-se cada vez mais incisiva e ligada a

ideais de libertação, paralelamente ao caminho político traçado por Ho, que logo se juntou ao Partido Comunista Francês, em 1920 (Neale, 2003).

Retomando o recorte de 1925-1927, é um momento em que um grande contingente de jovens lideranças passam a se integrar ao patriotismo revolucionário, caracterizado pela inspiração em escritos comunistas em ascensão e por uma luta agora essencialmente anticolonial (Huỳnh, 1986). Essa juventude, mesmo em uma posição de desafio ao *status quo*, era colocada por seus compatriotas em um local de respeito e responsabilidade. Sobre essa dinâmica, vale notar que

O radicalismo do Vietnã colonizado lembra o de outras sociedades sujeitas à dominação estrangeira, como a China e a Indonésia. À medida que eles (os revolucionários) desafiaram as convenções e tradições da maioria conservadora e propôs reformas drásticas, eles continuaram dentro das tradições do radicalismo. Ainda assim, por conta das circunstâncias históricas especiais de sua sociedade, os vietnamitas radicais dos anos 20 não eram vistos como marginalizados ou desajustados, mas sim como propositores de caminhos que definiriam o curso e a direção da nação. Os revolucionários *nha cach mang* (revolucionários respeitáveis), como denominados por seus contemporâneos, não eram atípicos em seus desejos ou não admirados pela maioria (1986, p. 53, tradução nossa).

Percebe-se, assim, a ressonância que esses ideais revolucionários têm com os desejos e tendências de grande parte da população vietnamita, assolada por uma longa sequência de opressões e injustiças. Esses movimentos passam a se integrar cada vez mais com o imaginário político popular, bem como com a proposição de alternativas fora do escopo tradicional e de subjugação.

Nesse momento, então, a chegada do comunismo como esforço internacional no Vietnã corrobora com esse clamor por libertação, não só no sentido da capacidade de imaginar cenários, mas também em termos práticos e técnicos; métodos de luta e organização, a necessidade de ajuda estrangeira, formas de conscientização conjunta, dentre outros aspectos (Huỳnh, 1986). Um outro fator decisivo desse processo é a mobilização de um movimento global pelos direitos de trabalhadores, algo integra um fenômeno de extrema importância para o século XX e as tensões que viriam: o alerta (sob a perspectiva ocidental) em relação às tendências ideológicas e aos considerados “perigos da revolução” no Leste (Huỳnh, 1986). Esses “perigos” não eram vistos apenas na ascensão do comunismo como ideologia política; eram ligados também à união crescente entre cidadãos de diferentes nações em prol de um esforço unificado e massivo, articulando decisões políticas e potencialmente influenciando a balança de poder do mundo.

É importante entender, aqui, que ver mazelas socioeconômicas enfrentadas por essas pessoas como uma questão concomitantemente nacional e internacional é um ponto central para seus eventuais desdobramentos. Essa ligação é possibilitada, em grande parte, pela articulação teórica (e não menos prática, no cotidiano da população) entre capitalismo e imperialismo. Nesse sentido, os escritos de Vladimir Lenin são uma forma de interpretar essa realidade. À primeira vista, especialmente àquela época, os ideais capitalistas e imperialistas acerca de questões como a economia poderiam parecer distantes, com os primeiros ligados ao livre comércio e os segundos à dominação financeira. No entanto, seus mecanismos finais na construção de um regime econômico acabam, para Lenin, mesclando-se, a partir do momento em que há a “substituição da livre concorrência capitalista pelos monopólios capitalistas” (2011, p. 216). O capitalismo toma então, nesse contexto, os mesmos moldes de controle e criação de grandes conglomerados e monopólios, em cenários domésticos e no exterior.

A inserção imperialista da França no Vietnã é indissociável, portanto, do processo de consolidação do capitalismo como sistema econômico no fim do século XIX e no início do século XX. Sobre a expansão dessas noções e da influência leninista, Huynh afirma que

Lenin postula a importante relação entre a luta anti-imperialista por libertação nacional nas colônias e a luta geral do proletariado por libertação. O Imperialismo, na visão de Lenin, dava luz a tendências contrárias. Em países-mãe, a exploração colonial tornou-se a fonte de corrupção do proletariado, conforme a burguesia, enriquecida por lucros coloniais, achou possível encorajar tendências “oportunistas” (lê-se reformistas) na classe trabalhadora europeia, “imunizando” então os trabalhadores de ações revolucionárias. Nas colônias, no entanto, o imperialismo serviu para desenvolver tendências anti-imperialistas e nacionalistas. Dessa forma, a luta nacionalista nas colônias teve que ser considerada uma parte importante da luta global contra o capitalismo (1986, p. 55, tradução nossa).

Observar esse caminho teórico, que permeava as reuniões e as manifestações da juventude revolucionária vietnamita desde os anos 20, é importante para compreender as suas bases teóricas. É com esse plano de fundo que é fundada por Ho Chi Minh, em 1925, a *Thanh Nien* (“juventude”), uma organização anticolonial que buscava unir as demandas por libertação nacional e a garantia de justiça social, e que Huynh (1986) descreve como um dos passos iniciais do comunismo vietnamita, aprofundando a teoria até aqui trazida e enfatizando o papel das massas em processos transformadores.

Quando chega 1930, com todo esse plano de fundo, um movimento é feito para que as forças políticas do país unissem-se em prol da construção de um novo sistema. As três principais, naquele momento, eram o *Thanh Nien*, o *Tan Viet* e o Partido Nacionalista

Vietnamita (VNQDD²). Para Ho Tai (1992), o último, que trazia um mote de liberdade nacional nos últimos anos, carecia de proposições robustas e sistemáticas sobre o futuro, além de encarar um cenário de ascensão de noções de internacionalização (*versus* seu patriotismo); 1930 trouxe, então, a dissolução do VNQDD, deixando ao *Tan Viet* e o *Thanh Nien* um caminho em direção ao poder. É no mesmo ano que esses dois grupos, encabeçados em grande parte por Ho Chi Minh e colegas revolucionários, unem-se e formam o Partido Comunista Vietnamita, eventualmente transformado em Partido Comunista da Indochina (Huỳnh, 1986).

Durante 1930, no entanto, complexidades ascendem. A França reprime revolucionários através da Legião Estrangeira, capturando mais de 50.000 e matando cerca de 2.000; além disso, Ho Chi Minh é preso em Hong Kong pelos britânicos (Moyar, 2009). A década de 30, dessa forma, é de trajetórias paralelas, porém simultaneamente consideradas à deriva: a do comunismo vietnamita, enfraquecido e desfalcado, e a de Minh, que passaria anos longe do Vietnã, incluindo um longo período em Moscou (Quinn-Judge, 2002).

Quando Minh retorna à Ásia em meados de 1938, portanto, é em um esforço ligado ao Partido Comunista da Indochina (PCI), recentemente reestruturado e fortalecido em 1935 (Quinn-Judge, 2002). Como já explicado antes, a luta comunista vietnamita traz um teor internacionalista forte; isso ajuda a entender o porquê de Ho Chi Minh ter passado pela China ao chegar no continente, ainda mais compreendendo o clima especialmente propenso de aliança entre o país e a União Soviética na época (Quinn-Judge, 2002).

Cerca de dez anos depois da fundação do PCI, para além da trajetória de Ho Chi Minh, é importante se atentar novamente ao contexto internacional. 1939 era marcado pelo início da Segunda Guerra Mundial, que mobilizou as forças colonizadoras em prol de um conflito massivo. Para o Vietnã, foi um divisor de águas drástico: o início da guerra coincidiu com a repressão de revolucionários e o consequente enfraquecimento do partido; ao seu fim, por outro lado, muitos colonos haviam sido detidos e os líderes comunistas posicionavam-se como libertadores nacionais, ascendendo ao poder novamente (Huỳnh, 1986).

Para entender como esse avanço se torna possível, alguns elementos devem ser levados em conta. Em primeiro lugar, deve-se pensar a situação da França em si, fragilizada durante a Guerra; o país foi invadido pela Alemanha em 1940 e viu seu governo ser destituído em prol da dinastia Vichy, que agiria em prol dos interesses dos dominadores (Neale, 2003). Vale lembrar, ainda, que por ser um território pertencente aos franceses, o

² Do vietnamita *Việt Nam Quốc Dân Đảng*.

Vietnã tinha um governo colonial oficialmente no poder; esse governo, por sua vez, alinha-se aos Vichy. Esse panorama é agravado quando os japoneses juntam-se à equação, invadindo o Vietnã no mesmo ano e se juntando ao poderio colonial francês (Neale, 2003). Formava-se então uma frente forte de controle, que tornaria-se estopim de avanços futuros.

Além disso, deve-se considerar o retorno de Ho Chi Minh à Ásia e sua consolidação da *Viet Minh* (Liga Vietnamita) em 1941, unindo diferentes camadas da sociedade, desde trabalhadores até donos de terras, em uma luta de combate ao colonialismo francês (Neale, 2003). Era de conhecimento geral que os líderes do movimento eram comunistas, e mesmo aqueles não alinhados com esses preceitos viam sentido em se juntar a esse esforço, dada sua aversão ainda maior à ocupação francesa e ao reconhecimento conjunto de que a libertação nacional era a maior urgência (Neale, 2003). Estrategicamente, essa é vista como a prioridade política da nação.

Quando, durante a Segunda Guerra, o território francês é reavido pelos Aliados, é sob a gestão do partido do General Charles de Gaulle, apoiado pelos comunistas da França; é um movimento que acaba sendo apoiado pelo governo colonial vietnamita, que tinha com o de Gaulle o interesse em comum de manter o poderio francês no território, e o articulava em conversas veladas (Neale, 2003). Ainda ocupando o Vietnã, reprovando essas conexões e temendo uma invasão por parte de outros agentes (como os Estados Unidos), o exército japonês toma de vez o governo da Indochina em 1945 (Moyar, 2009). Por outro lado, os revolucionários (na forma da *Viet Minh*) alinham-se, de certa forma, aos Aliados, formando importantes pontes no plano internacional contra o Japão e a Alemanha (Neale, 2003).

Diante dessa divisão (Japão e Alemanha *versus* Aliados e forças revolucionárias vietnamitas), o posicionamento da França é de pressionar os Estados Unidos para apoiá-los no processo de reaver seu território na Indochina, chegando a ameaçar uma derrocada comunista caso contrário (Moyar, 2009). Em 1945, de Gaulle declarou aos estadunidenses que “se o público aqui entender que vocês estão contra nós na Indochina, haverá grande desapontamento, e ninguém sabe até onde isso levará. Não queremos ser comunistas; não queremos cair na órbita russa; mas esperamos que vocês não nos impulsionem a fazer isso” (Moyar, 2009, p. 15, tradução nossa).

O contexto nos EUA, por sua vez, era de forte anticomunismo, traduzido não só no alinhamento governamental, mas em ações internas e externas de neutralização e intervenção. Vale lembrar que iniciaria, em poucos anos, a Guerra Fria, que se basearia em parte nesses ideais para formar uma frente de combate a essa ideologia e sua disseminação. Por isso, durante o governo Roosevelt, são enviadas unidades aéreas estadunidenses para apoiar a

dominação francesa na Indochina; em adição, no subsequente governo Truman, o país compromete-se a unir forças com a China e a Inglaterra para reaver o controle francês na Indochina (Moyar, 2009). Percebe-se, desde aqui, uma consistência que se perpetuaria na relação entre Estados Unidos e as forças de controle do Vietnã, o que ganharia nuances cada vez mais complexas nos próximos anos.

Ainda no âmbito das ações estadunidenses e sua centralidade para a história aqui contada, diante do lançamento das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki (também em 1945), o Japão é altamente enfraquecido. É nesse contexto que suas tropas são retiradas do Vietnã e que, em julho deste ano, ocorre a Conferência de Potsdam, que lidaria com desdobramentos de um evento global massivo como o fim da Segunda Guerra Mundial. Sobre o evento, Souza (2019) explica que “durante a Conferência de Potsdam, os países aliados dividiram o país no paralelo 16º, sendo a reconstrução e controle do norte responsabilidade chinesa e os britânicos responsáveis pelo sul do Vietnã” (p. 28).

Em meados de setembro, portanto, cria-se um espaço favorável que logo é ocupado por Ho Chi Minh e pelas forças revolucionárias; cerca de uma semana após o último ataque ao Japão, a *Viet Minh* toma o poder em Hanoi, sob o clamor de acabar com o controle estrangeiro no Vietnã (Neale, 2003; Moyar, 2009). É proclamada, então, a independência nacional e a República Democrática do Vietnã; no entanto, as disputas pela verdadeira libertação do país ainda durariam alguns anos, como será observado.

3.1: 1946-1954: A retomada francesa, a Primeira Guerra da Indochina e a Conferência de Genebra

Após o início da consolidação do governo revolucionário vietnamita, ele chega a promover eleições em 1946, nas quais a *Viet Minh* leva a vitória (Neale, 2003). Mesmo estabelecida em várias áreas, a gestão encontrou percalços. Neale (2003) ressalta que havia, de várias partes, a noção de que os franceses eventualmente voltariam e tentariam reaver seus territórios; os líderes revolucionários, por sua vez, não tinham armamento para uma defesa contundente. Dessa forma, o autor destaca que, também em 1946, a França se reestabelece no Vietnã, destituindo a *Viet Minh* do poderio de Hanoi em meados de novembro.

Assim inicia o que se denomina a Primeira Guerra da Indochina, que consistiria em oito anos de disputas entre as tropas francesas e as da *Viet Minh*. O avanço francês nos primeiros anos é voraz; em meados de 1948, já haviam estabelecido um chamado “Governo

Nacional do Vietnã” para exercer suas próprias decisões e controle políticos no território (Thuan; Thuan, 2024).

Percebe-se, até aqui, que a trajetória política seguida pelas forças revolucionárias do Vietnã não é linear ou simples, e que, mesmo após períodos de aparente consolidação no poder, o colonialismo continua sendo uma realidade latente. Com a volta da França ao território e ao poder, o combate invade cada vez mais espaços no país, com guerrilheiros comunistas escondendo-se e se envolvendo em tiroteios contra colonos; eles ganham, por volta de 1949, um acesso maior a armas por meio das fronteiras, após o fortalecimento comunista na China (Neale, 2003).

A década de 50 representa, nesse panorama, mais um momento decisivo para a história do comunismo vietnamita, e eventualmente do mundo. A Guerra Fria havia começado há pouco, atingindo alguns de seus ápices durante esse período. Estados Unidos e União Soviética disputavam, no plano internacional, a hegemonia política e ideológica. No caso estadunidense, a intervenção e a influência em países alinhados às ideias soviéticas tornava-se uma prática cada vez mais comum e reforçada internamente. Sobre a conduta estadunidense que ia se construindo, naquele momento, em relação ao Vietnã, Hering (1986) descreve que:

Para fortalecer os governos da Indochina e aumentar seu apelo popular, os Estados Unidos estabeleceram um programa de assistência técnica e econômica em 1950, gastando nos dois anos seguintes mais de 50 milhões de dólares em projetos variados. Experts estadunidenses forneceram fertilizadores e sementes para aumentar a produção agrícola, construíram dispensários, desenvolveram programas de controle da malária e distribuíram comida e roupas a refugiados. Para garantir que o programa atingiria seus objetivos, os EUA insistiram que o auxílio fosse diretamente a governos nativos em detrimento da França. Para assegurar máxima vantagem propagandística, oficiais estadunidenses zelosos pregavam pôsteres em muros de pagodas e liberavam pelos ares panfletos em vilarejos, indicando que os programas eram presentes dos EUA e contrastando “ganhos reais” feitos possíveis por eles com “as promessas vazias do comunismo” (p. 19, tradução nossa).

Percebe-se, então, que a participação estadunidense envolvia uma inserção interna estratégica, que os posicionasse favoravelmente diante da população vietnamita e a aproximasse de seus próprios ideais. Apesar do apoio militar concreto ainda não ser, a essa altura do conflito, massivo, essas concessões ajudam o país no seu processo de consolidação de forças na Indochina, que se provariam cada vez mais expressivas nos anos que seguiram. Desde sua gênese, essa narrativa passa por uma imagética específica, que vilanizava o avanço comunista (especialmente na forma da URSS) e gradativamente inseria noções geográficas

que viriam à tona durante a eclosão da guerra. Consideremos como exemplo o seguinte pôster, veiculado ainda em 1951 pela Agência de Informação dos EUA em terras vietnamitas:

Figura 4 - Pôster “Entre o martelo e a foice”



Fonte: *National Archive* (via *DocsTeach*), 1951.

Uma breve observação da imagem já permite algumas realizações sobre a perspectiva estadunidense à época. Para além dos elementos centrais, como a mobilização da foice e do martelo, bem como do clássico vermelho como destrutivo e sanguinário, há dois pontos-chave geograficamente: o destaque cartográfico da zona que divide norte e sul e a imagética de “invasão comunista”, referente à China e à URSS, na forma das mãos.

Retomando, agora, o contexto interno do Vietnã, os revolucionários continuavam buscando a retomada de uma narrativa prevalente, agora focando com mais ênfase em questões de distribuição de terras e luta de classes; por volta de 1953, uma reforma agrária era desenvolvida nas áreas do norte que eles controlavam (Neale, 2003). Em relação a outros países, a aproximação com a União Soviética e com a China é um fator impulsionador durante o conflito e suas campanhas militares (Thuan; Thuan, 2024).

É nesse sentido que, após uma longa ofensiva, em 1954, as forças vietnamitas retomam o vigor na guerra, reprimindo o poder francês e encaminhando as negociações para o fim do conflito, que culminariam na Conferência de Genebra daquele ano, entre abril e julho; a partir dela, “a República Democrática do Vietnã tomou controle do norte do Vietnã (desde o 17º paralelo) e se tornou um apoio sólido à revolução para libertar o sul e ao esforço para unificar o país após 1954” (Thuan; Thuan, 2024). Além disso, os acordos firmados em Genebra traziam compromissos como a realização, em 1956, de eleições pela reunificação. Vale ressaltar que o chamado 17º paralelo separava o território vietnamita em um norte e um sul bem delimitados, e que essa delimitação perduraria pelos anos seguintes. Como mostra o mapa a seguir, o limite da zona coincide com os arredores da zona desmilitarizada (DMZ³):

Figura 5 - Mapa da Indochina após os Acordos de Genebra (1954)



Fonte: Escritório de Estudos Históricos da Força Aérea (via *Vietnam War Commemoration*), [s.d.].

É essencial, até aqui, compreender como se posicionariam agora as estabelecidas repúblicas do Vietnã do Norte e do Vietnã do Sul, tanto internacionalmente quanto em

³ Do inglês *Demilitarized Zone*.

relação uma à outra. Enquanto o norte contava com o apoio soviético e tinha Ho Chi Minh no comando, o sul era apoiado pelos Estados Unidos e era presidido por Ngo Dinh Diem. Neale (2003) chega a denominar a dinâmica do sul como “Estado corrupto e cliente dos EUA” (p. 35, tradução nossa), tamanha a influência do país.

Reitera-se também que a Guerra Fria ia a todo vapor, o que reforçava a necessidade estadunidense de se posicionar contra qualquer avanço da URSS. Eles chegam a se opor aos acordos firmados em Genebra, repudiando aspectos como a posição militar da *Viet Minh*, a presença da China nas negociações e a possibilidade de serem obrigados a permitir eleições no território que viria a ser consolidado (Neale, 2003; Hering, 1986). Forma-se então um complexo tabuleiro de poder, que culminaria, em breve, no que viria a ser a Segunda Guerra da Indochina (popularmente conhecida como Guerra do Vietnã).

3.2 1954-1964: O início da Guerra do Vietnã e o “dedo na represa” (1ª fase)

O panorama após a então nova divisão era complexo e multifacetado. O norte aceita os acordos firmados em Genebra, em grande parte como uma forma de evitar uma série de riscos, como mais envolvimento estadunidense ou uma retomada francesa nos territórios recém-reafirmados (Asselin, 2013). Isso não impede completamente, no entanto, nenhuma dessas possibilidades.

Como observado por Neale (2003), a inserção dos Estados Unidos já era uma realidade latente no Vietnã do Sul, fragilizado por fatores desde a fragmentação imposta pelo passado colonial até uma economia altamente dependente. O governo de Diem no sul contava com o apoio estadunidense em níveis diversos, desde conselhos diretamente de Washington à distribuição de bens de consumo, o que não só permite a sua continuidade como também estabelece laços concisos entre ele e parte da população do sul (Neale, 2003).

Um agente importante a essa altura é o Conselho de Segurança Nacional (CSN) dos EUA, que “recomendava, dentre outras coisas, o uso de ‘todos os meios disponíveis’ para assediar o governo de Hanoi (no norte)”, o que se traduziu na atuação de grupos paramilitares, incentivo à migração para o sul e estratégias de distorção de notícias sobre o norte (Hering, 1986, p. 44, tradução nossa). Em junho de 1954, essas ações expressam-se na Missão Militar de Saigon. É também com o apoio estadunidense, e diante da popularidade, àquela altura, de Ho Chi Minh como líder nacionalista no norte, que Diem bloqueia, em 1955, as possíveis eleições do próximo ano (um requerimento dos acordos firmados em Genebra) (Hering, 1986).

Antes de prosseguir com a história aqui exposta, é importante fazer um adendo em relação ao início da Guerra do Vietnã. Para o historiador Erik Villard, tendo em mente as diferentes datas propostas pelas fontes históricas possíveis, é complexo delimitar um momento específico e oficial em que o conflito “começou” (2021); especialmente dada a longa série de acontecimentos decisivos que precedem 1954-1955, período-chave dessa indagação. Uma das convenções mais populares é a de novembro de 1955, quando é consolidado em partes da Indochina, pelos EUA, o Grupo Consultivo e de Assistência Militar (GCAM) do Vietnã, oficializando seu apoio bélico ao sul (Villard, 2021). É interessante notar que essa delimitação temporal, assim como várias outras (como estabelecer como ponto de partida a Missão Militar de Saigon de 1954, por exemplo), tomam a ação estadunidense como princípio definidor da guerra, o que é um fator especialmente evidenciador de seu papel (e de sua busca por centralidade na narrativa). Tamanha é a dimensão desse fenômeno que, no Vietnã, o conflito chega a ser denominado *American War* (“Guerra estadunidense”).

Outro ponto peculiar é que, nessas definições, o apoio (por parte dos EUA) tido como decisivo na oficialização da guerra é o militar. No entanto, como demonstrado até aqui, seu suporte já vinha se construindo contundentemente de formas diversas há anos, particularmente a partir de 1950, quando seus próprios documentos oficiais descrevem que o país passa a “levar a questão a sério” (EUA, 2012). Sob a ótica da Teoria da Securitização, o Vietnã confirmava-se, ainda naquele momento, como uma “ameaça existencial”; um risco às ações políticas e ideais perpetuados pelos Estados Unidos. A resposta a isso era expressa não só por meio de envio de materiais básicos, mas também de armamento, o que tensiona, mais uma vez, possíveis compreensões de uma verdadeira data oficial de início.

Reconhecemos, aqui, o dilema imposto por essas nuances. Para fins de análise do envolvimento dos Estados Unidos, no entanto, é interessante observar (mesmo que de maneira crítica) suas concepções do que seria a guerra, para então compreender como a nação articula uma narrativa de intervenção (e, posteriormente, que tipo de imagem é mobilizada nesse processo). É considerada então a decisão, consolidada em 1998 pelo Departamento de Defesa, de tomar como ponto de partida 1 de novembro de 1955.

Retomando, agora, o caminho histórico aqui construído, o ano de 1956 também traz desenvolvimentos importantes. Um exemplo particularmente representativo do *status* da guerra nesse período (e na década de 50 como um todo) é um discurso de John F. Kennedy. Nele, o então senador faz a seguinte afirmação: “os princípios fundamentais da política desta nação dependem consideravelmente de um Vietnã forte e livre (...) o Vietnã representa o pilar do Mundo Livre no Sudeste Asiático, um ponto-chave no arco, *o dedo na represa*” (Hering,

1986, p. 43, tradução nossa). A questão do Vietnã é evidenciada, na fala, como uma preocupação não só nacional, e nem mesmo dos Estados Unidos; é de todo o “Mundo Livre”, o que se lê através de preceitos liberais. A expressão “dedo na represa” também é emblemática; no contexto, é utilizada em uma analogia ao risco de disseminação de ideais comunistas pelo mundo. Manter o controle no Vietnã seria, nesse sentido, uma forma crucial de conter esse perigo (ou ameaça existencial, em termos securitizadores).

É também em 1956 que os Estados Unidos passam a treinar o seu próprio exército vietnamita, por meio do Grupo Consultivo e de Assistência Militar (GCAM) (Hering, 1986). O ano trouxe, como a maior parte do conflito, a criação e a disseminação massiva de propaganda, agora com forte teor militar e na busca pelo estreitamento de laços com os soldados que serviriam no sul do Vietnã. Um exemplo evidente dessa tentativa é a seguinte série de pôsteres, produzidos pelos EUA como uma espécie de instrução em relação à devida conduta militar no território:

Figura 6 - Série de pôsteres “Os Sete Mandamentos do Exército Vietnamita”



Fonte: *National Archive* (via *DocsTeach*), 2024. Montagem da autora.

Enquanto essas noções assentavam-se no sul, o norte encontrava seus próprios percalços. O clima pós-Genebra era frágil e tenso, e os líderes buscavam, a todo custo, evitar a perda do que havia sido conquistado. Em adição, a recuperação após a Primeira Guerra da Indochina era uma tarefa custosa, social e economicamente. De 1957 a 1959, portanto, as perspectivas para organizações revolucionárias não são otimistas, especialmente diante da

realização de que os comprometimentos feitos em Genebra não lograriam e dos números decrescentes em filiação ao partido, dada a ascensão da propaganda anticomunista; ao mesmo tempo, havia uma tentativa de construir pontes com possíveis parceiros de revolução no sul, tendo em mente um objetivo final de luta unificada (Hering, 1986).

No mesmo período e até 1960, o GCAM passa por um árduo processo de expansão e consolidação no território do sul sob a gestão rígida do General Samuel Williams, enfrentando problemas como um relacionamento complexo com a população nacional e a falta de certos recursos bélicos, dentre outras questões práticas (Hering, 1986). Para além disso, Hering (1986) aponta que um ponto frágil do grupo era a sua forma de preparação para o conflito em si, utilizando-se de um método convencional para uma missão tão complexa e subestimando a possibilidade de insurgência vindo do norte.

A insurgência, no entanto, emerge. Em setembro de 1960, o Congresso do Terceiro Partido (dos revolucionários do norte) consolida a decisão por um esforço armado em defesa própria e da libertação do sul, e em dezembro é fundada no sul a Frente de Libertação Nacional (FLN), opondo-se ao governo de Diem; o regime passaria a denominar os membros da FLN de vietcongues (entendido como “comunista vietnamita”, porém pejorativamente) (Hering, 1986). Fortalecia-se então um potencial revolucionário também ao sul, apoiado pelo norte e movimentando aqueles insatisfeitos com a gestão em diferentes regiões.

Em 1961, John F. Kennedy é eleito como presidente dos Estados Unidos. O envolvimento do país com o que ocorre no Vietnã se mantém, tomando novas formas exponencialmente. No primeiro ano da nova gestão, 3.200 soldados são enviados; em 1962, 11.300 (Neale, 2003). Concomitantemente, auxílio e outros recursos continuam sendo enviados.

1963, particularmente em seu fim, é marcado por reviravoltas políticas de todos os lados do conflito. No Vietnã do Sul, diante da progressiva fragilização de seu governo e de uma invasão externa cada vez maior, Diem junta-se com seu irmão para organizar uma possível expulsão das forças dos EUA, formando um novo governo; diante disso, a embaixada estadunidense em Saigon organiza e executa seu assassinato no início de novembro (Neale, 2003).

Ao fim do mesmo mês, Kennedy também é assassinado, durante uma passeata de carro; àquela altura de 1963, 16.300 homens haviam sido enviados ao Vietnã (Neale, 2003). O país encontra-se, então, em uma encruzilhada de políticas doméstica e externa, e é nesse contexto que Lyndon B. Johnson assume, às pressas, a presidência. Ele concorreria, ainda,

nas eleições do ano seguinte, nas quais levaria a vitória. Era o início de uma nova fase da guerra, com suas próprias peculiaridades.

3.3 1965: “Contendo a maré” (2ª fase)

Tide (“maré”) é um termo frequentemente utilizado para se referir ao dito avanço do comunismo no mundo durante a Guerra Fria. Em 1956, Kennedy referia-se a esse fenômeno como “*the red tide*” (“a maré vermelha”); em 1961, diante dos fluxos internacionais em constantes transformações e em relação aos EUA, ele declarava que a maré não era “favorável” (Hering, 1986).

Na cronologia da Guerra do Vietnã, o termo aparece ao falar da fase iniciada em 1965, definida por Carland (2000) como “*Stemming the Tide*” (“contendo a maré”). Compreender essa terminologia é um passo importante na jornada aqui retratada, que estava prestes a tomar proporções cada vez mais intensas sob a premissa de combater, a todo custo, os esforços revolucionários no território vietnamita, na Ásia e no mundo.

Fevereiro de 1965 marcou o início de ataques aéreos estadunidenses no Vietnã do Norte, através na denominada operação *Rolling Thunder*; Hering destaca que, após este primeiro passo, os próximos só se tornam mais agressivos, como a chegada de batalhões da marinha e tanques de guerra no mês seguinte (1986). É possível argumentar que, a essa altura, evitar o avanço comunista já não era o foco principal, ou que ao menos não era tão prioritário quanto a garantia da vitória dos Estados Unidos e de seus apoiadores. Essa realidade é ilustrada em uma correspondência, em março de 1965, enviada ao Secretário de Defesa Robert McNamara por seu assistente, John MacNaughton; nela eram descritos, em ordens percentuais, os objetivos da nação na guerra: “70% - Evitar uma derrota humilhante dos EUA (à nossa reputação); 20% - Manter o sul do Vietnã (e territórios adjacentes) longe do domínio chinês; 10% - Permitir que o povo sul-vietnamita tenham uma forma de vida melhor e mais livre” (Neale, 2003, p. 69, tradução nossa). Essa defesa da honra unida à necessidade de intervir não era, contudo, algo amplamente difundido; a ideia predominantemente disseminada ainda era a do anticomunismo, bem como a da urgência de “salvar” a população vietnamita do “perigo revolucionário”.

Em meados de abril e maio, no entanto, o Pentágono e a embaixada em Saigon já não consideravam as ações até ali empregadas suficientes para garantir os objetivos nacionais; o envio massivo de tropas passa a ser, assim, uma realidade cada vez mais próxima (EUA, 1965). Para compreender os próximos desdobramentos, rápidos e decisivos, algo que pode

ajudar é a análise de algumas das coletivas de imprensa e comunicações oficiais no geral realizadas até julho, dado como momento divisor de águas. Nesse sentido, os *Pentagon Papers* são uma fonte particularmente adequada, dado seu registro detalhado das ações governamentais na época.

Tabela 1 - Alguns dos pronunciamentos oficiais do governo estadunidense sobre a Guerra do Vietnã e possíveis decisões de escalada

Tipo	Data	Remetente	Resumo da ocasião
Memorando enviado à Secretaria de Defesa	02/04/65	Diretor da CIA (McCone).	A pressão dos EUA no norte em forma da <i>Rolling Thunder</i> ainda é insuficiente para uma devida contenção.
Memorando ao presidente sobre a Conferência de Honolulu	21/04/65	Secretário de Defesa (McNamara)	Entende-se que o norte não vai se render em breve, e que seria mais provável que o fizesse em prol dos vietcongues no sul que por um temor de bombardeio em seu território; <i>Rolling Thunder</i> é um caminho, mas insuficiente; deve-se continuar negando a vitória aos adversários, impedindo a união entre revolucionários do norte e do sul.
Coletiva de imprensa	08/06/65	Oficial de Imprensa do Departamento do Estado (McCloskey).	“As tropas estadunidenses fariam-se disponíveis para lutar com os vietnamitas quando e se necessário” (parte IV-C-5, p. 26).
Coletiva de imprensa	16/06/65	Secretário de Defesa (McNamara)	Aumento da força estadunidense no sul para cerca de 70.000 a 75.000 homens.
Memorando ao presidente	01/07/65	Departamento do Estado (Ball)	Advertência: Ball acredita que a Guerra do Vietnã não pode ser vencida, e aconselha que haja logo uma retirada.
Memorando ao presidente	01/07/65	Conselheiro de Relações Exteriores (Bundy)	Nem a retirada de Ball, nem o avanço agressivo e imediato: um “teste de águas” em algumas áreas com os homens já inseridos, podendo enviar mais.

Fonte: *Pentagon Papers* (via *National Archives*), 1965. Elaboração da autora.

As informações trazidas pelos documentos oficiais evidenciam alguns pontos. Em primeira instância, chama atenção que, apesar variedade de envolvidos, havia uma espécie de consenso em meio ao governo estadunidense (exceto pelo pronunciamento de Ball): as forças do país deveriam se manter no Vietnã, e a estratégia de apoio provida pela *Rolling Thunder* já não bastava para garantir assertividade e a vitória almejada.

O mínimo de hesitância que ainda resta ao início de julho de 1965, por fim, rapidamente se esvai em uma série de acontecimentos cruciais. Naquele mês, no dia 16, McNamara faz uma viagem a Saigon, sob a premissa de ser orientado sobre as melhores condutas e estratégias nos passos que viriam. É desta missão que se origina e é publicado um memorando ao presidente Johnson, de assunto “Recomendações de mobilizações adicionais ao Vietnã”, em referência ao envio de tropas (*National Archives*, 1965). O documento traz, diante da magnitude da decisão, alguns pontos essenciais. No geral, para fins de interpretação, é possível organizar as informações dele em dois grupos: *diagnósticos* e *recomendações*.

McNamara inicia o memorando fazendo um apanhado geral do que havia observado e concluído durante sua visita: *diagnósticos*. Dentre eles, destacam-se primeiro os que são feitos diante da situação em si como o de que a situação geral no Vietnã vinha piorando exponencialmente; o de que havia um risco iminente das forças revolucionárias do norte dominarem cada vez mais territórios; a de que as ações de guerrilhas ganhavam força; a de que questões socioeconômicas essenciais no sul deterioraram-se; dentre outros (*National Archives*, 1965). Diante disso, o então Secretário de Defesa oferece algumas alternativas para os próximos passos da nação: 1) retirar-se da guerra (o que ele considerava uma escolha humilhante); 2) continuar a abordagem (um caminho que, para ele, imporá um novo dilema de escalada *versus* retirada em breve); 3) aumentar as forças estadunidenses no Vietnã, tanto militar quanto politicamente (*National Archives*, 1965).

A escolha de McNamara é expressa no mesmo documento: a terceira opção. Diante dela, ele expõe suas próprias *recomendações* sobre qual deveria ser o curso de ação para a executar. Em suma, ele sugere enviar tropas massivamente, em um movimento que aumentaria o contingente de soldados estadunidenses no Vietnã a cerca de 175.000; além disso, a escalada também deveria ser estrategicamente política, consistindo nos seguintes pontos essenciais:

(a) abrir um diálogo com Moscou e Hanoi, e talvez os vietcongues, buscando primeiramente a desconstrução de quaisquer distorções que eles possam ter sobre nossos objetivos, e então construindo um terreno para um estabelecimento quando o tempo for oportuno (b) evitar que a União Soviética aprofunde seu envolvimento militar e apoio ao Norte e que gere crises em crises até que possamos nos estabelecer, e (c) consolidar o apoio à política estadunidense pelo público estadunidense, aliados e amigos, e manter a oposição internacional em um nível controlável. Nossos esforços podem ser improdutivos até que a maré comece a virar, mas ainda assim devem ser feitos (*Office of the Historian*, 1965, tradução nossa).

O foco proposto, então, era de duas vias: uma militar, empregando um número esmagadoramente crescente de pessoas e armamento; e uma política, que consistiria em uma comunicação e uma presença fortes no território vietnamita, bem como alianças internacionais que reforçassem suas ações e ideologias. O que também chama atenção é o uso, novamente, da ideia de uma “maré”; desta vez, no sentido de algo fluido e que pode se tornar favorável aos EUA, eventualmente.

Cerca de uma semana separa, por fim, o memorando de McNamara da decisão que marcaria um novo estágio do conflito, agora renovado em seu comprometimento e sua dimensão. Em 28 de julho, o presidente Johnson anuncia o envio de novas unidades, em uma decisão que aumentaria o contingente humano, naquele momento, a 125.000 (e mais, se preciso) (*National Archives*, 1965). É, para alguns historiadores, o mais próximo que há de uma oficialização da guerra para os Estados Unidos (Carland, 2000; Hering, 1986; Neale, 2003), apesar da longa trajetória de profundo envolvimento.

Discursos, decisões e registros históricos fazem parte, portanto, da análise dos eventos que levam até este ponto, ao fim de julho de 1965. A seguir, o presente trabalho passa para o próximo estágio essencial de sua proposta: entender a narrativa imagética que integra e constrói, de várias formas, o cenário até aqui apresentado.

4 VISUALIDADE E GUERRA NO VIETNÃ: GOVERNO, MÍDIA E SUAS INTERSECÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA IMAGÉTICA

A decisão mais política que você pode fazer é para onde direcionar os olhos das pessoas.

(Wim Wenders).

O caminho até aqui traçado, enfim, é guiado pela construção de uma narrativa específica. Para fins de definição, podemos entender uma narrativa “como uma cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares” (Squire, 2014, p. 273). Diante disso, voltaremos agora ao tipo específico de cadeia de signos que a presente pesquisa busca observar: a imagética.

Em primeiro lugar, é possível determinar que a escalada do envolvimento estadunidense na Guerra do Vietnã traduz-se em alguns elementos-chave, como demonstrado na retrospectiva do capítulo 2. Eles fazem parte do processo de construção do interesse pelo emprego da força, de noções de ameaça existencial aos Estados Unidos e de legitimação e, enfim, de legitimação da eventual intervenção.

O primeiro destes elementos-chave é o *anticomunismo*, que permeia a política externa estadunidense de maneiras diversas desde antes da guerra em questão, motivando fortemente seu envolvimento desde o início. Sob a premissa de que os avanços do comunismo (representados pelo Vietnã do Norte) colocariam em risco os princípios do liberalismo e adjacências, os Estados Unidos colocam o fenômeno não só como um risco para si, mas passam a cada vez mais o propagar como um perigo a toda a comunidade internacional. A massificação desse perigo, por sua vez, serve como pilar de práticas discursivas diversas, o que se manifesta, dentre outros meios, através da *simbologia comunista*.

O segundo dos elementos-chave conecta-se diretamente com o primeiro, mas o afunila: é a ideia de um *inimigo em comum*. A figura do inimigo é de suma importância para o debate de Segurança Internacional, visto que denota, entre outras possíveis noções, a de insegurança; do que é, naquela sociedade e naquele contexto político-temporal, inseguro e passível de temor. Vale notar que dentro desta categoria estão não só os inimigos “principais” da Guerra do Vietnã em si (URSS, China, norte do Vietnã, etc.), mas também aqueles que são historicamente mobilizados para fins de comparação. Essas e outras dinâmicas são altamente imagéticas, principalmente em termos do estabelecimento e do reforço, perante o público, de quem são esses “grupos ameaçadores” a serem combatidos.

O terceiro elemento, por sua vez, traz consigo uma contradição: é o retrato, ao observar o Vietnã, de uma população *vulnerável versus violenta; indefesa versus incivilizada*. Em ocasiões diversas, é veiculada a ideia de que existem, em suma, duas parcelas do povo que enfrentava o conflito: uma que sofre com o que os EUA configuram como ameaças explícitas (os “inimigos comunistas”) e outra que os representa diretamente (frequentemente na figura dos vietcongues). Nos dois casos, contudo, é mobilizada uma intervenção necessária, o que a imagem constrói de maneiras diversas, mas geralmente incluindo a premissa de que os Estados Unidos são capazes de resolver estas duas mazelas (e de definir, primariamente, o que e como são).

O quarto elemento-chave é especialmente reforçado com o gradativo aumento do envolvimento estadunidense, como demonstram os *Pentagon Papers* e a estratégia de política externa moldada em meados de 1965: *a defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional*, ligada à ideia de que eles não poderiam, sob nenhuma circunstância, “perder”. O significado da perda em si pode ser múltiplo; no entanto, em suma, ela tem a ver com o constrangimento dos EUA no plano global. Para se afastar dessa possibilidade o quanto possível, é formada uma visualidade de aparente força, patriotismo, serviço e dever.

Para articular esses elementos com as imagens selecionadas, algumas abordagens podem ser utilizadas e unidas, como defendido no capítulo 1. Tendo em mente suas propostas de método especificamente voltadas à SI, as principais perspectivas aqui mobilizadas são as das seguintes autoras:

Quadro 1 - Principais autoras mobilizadas para métodos de análise visual em SI

Hansen (2011)	Abordagem intertextual e intervisual da securitização, observando “imagem em si, seu intertexto imediato, o discurso político mais amplo e os textos que atribuem significado à imagem” (p. 53, tradução nossa)
Schlag (2015)	Abordagem que inclui 1) uma compreensão de quais contextos de visualidade serão analisados, em forma da “produção, a imagem e a audiência, bem como suas diferentes modalidades técnicas, composicionais e sociais” (2015, p. 193, tradução nossa); 2) uma análise da imagem em si, que pode ser feita através das ferramentas da iconologia (mas não exclusivamente); e 3) “conectar os resultados dessa interpretação de dados visuais com questões relevantes a teóricos de RI e Estudos de Segurança” (2015, p. 194, tradução nossa).
Särmä (2018)	Abordagem da “colagem teórica”, que enfatiza as similaridades e particularidades entre as teorias de Segurança mobilizadas e destaca seu potencial analítico.

Fonte: Hansen (2011), Schlag (2015) e Särmä (2018). Elaboração da autora.

Para além destas, tendo em mente sua importância para a trajetória da visualidade nas RI, as contribuições de autores trazidos durante a revisão bibliográfica também são consideradas, levando em conta sua aplicação a cada um dos diferentes casos aqui abordados. Em adição, perspectivas teóricas de outras áreas, desde os estudos visuais culturais (Mirzoeff, 1999) até a semiótica (Fuller, 2002; Leeuwen, 2021; Monk, 2013; Bai, 2010; dentre outros) auxiliam na observação de certas questões e símbolos, o que enriquece e expande o potencial da análise.

Sobre a análise de fotografias e excertos de vídeos, especificamente, um prisma que oferece suporte é o proposto por Michael D. Sherer. Em 1989, o comunicador fez um estudo de centenas de fotografias do conflito veiculadas pelas revistas *Time*, *Life* e *Newsweek*. Sua estratégia consistiu na catalogação das imagens com códigos, cada um dentro de categorias próprias.

Tabela 2 - Categorias e códigos para análise de fotografias jornalísticas propostos por Sherer (1989)

Categorias	Códigos
Cena	a) combate, com tropas e/ou armamento; b) situação ligada ao combate, mas não com elementos ativos e explícitos; c) não-combate (áreas de relativa segurança)
Sujeito primário	a) estadunidense; b) aliado; c) inimigo; d) armas/equipamento
Retrato do sujeito	a) risco imediato de vida; b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida; c) relativa integridade/segurança; d) armas, equipamentos ou alvos militares em estado de destruição; e) armas, equipamentos ou alvos militares, mas não em estado de destruição
Perspectiva	a) vista de perto e localizada em algo específico; b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente; c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores

Fonte: Elaboração da autora com dados de Sherer (1989).

Suas conclusões podem ser articuladas com pontos específicos do presente estudo, como veremos a seguir. Propõe-se aqui, contudo, uma expansão a este quadro, que inclua uma categoria voltada aos temas ligados à escalada do envolvimento estadunidense, desde os supracitados até possíveis novos que surjam durante a pesquisa, compreendendo que as imagens aqui analisadas construíram noções particulares de ameaças existenciais.

Em relação à categoria específica do sujeito primário, o caso da Guerra no Vietnã incita-nos a mais uma expansão. Diante da visão construída acerca dos *civis vietnamitas*, de vulnerabilidade e algo a ser salvo, não parece completamente adequado os adequar à categoria de aliados. Por isso, para fins de análise, é interessante adicionar seu próprio código, o que possibilita uma compreensão mais exata de sua imagética.

Na mesma categoria, existe um outro tipo de sujeito primário não completamente contemplado, mas de suma importância no que diz respeito à visualidade da guerra: o *patrimônio*. Não explicado através da ótica apenas de armas e equipamentos, o patrimônio é entendido como prédios públicos, casas e outras estruturas do cotidiano da população, frequentemente retratado para denotar destruição em contextos bélicos. Seu próprio código, portanto, também se faz necessário.

Dessa forma, partimos inicialmente do seguinte escopo:

Tabela 3 - Categorias e códigos levados em conta para a presente análise⁴

Categorias	Códigos
Cena	a) combate, com tropas e/ou armamento; b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo; c) não-combate.
Sujeito primário	a) estadunidense; b) aliado; c) inimigo; d) armas/equipamento; e) civis vietnamitas; f) patrimônio; g) outros.
Retrato do sujeito	a) risco imediato de vida; b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida; c) relativa integridade/segurança; d) armas, equipamentos ou alvos militares em estado de destruição; e) armas, equipamentos ou alvos militares, mas não em estado de destruição.
Perspectiva	a) vista de perto e localizada em algo específico; b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente; c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores.
Temas ligados à legitimação da escalada do envolvimento estadunidense	a) simbologia comunista; b) a ideia de um inimigo em comum (URSS, China e/ou outros); c) retrato perigoso de revolucionários; d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional; f) outros (explicitar quais).

Fonte: Elaboração da autora com dados de Sherer (1989).

⁴ As contribuições próprias foram sinalizadas a partir dos grifos em destaque (trechos ressaltados em verde claro).

“Simbologia comunista” inclui signos típicos como a foice e o martelo, bandeiras e símbolos vermelhos específicos e a imagem de líderes como Ho Chi Minh. O código de “ideia de um inimigo em comum” envolve o que remete à União Soviética, China e adjacências, dada a interpretação estadunidense delas como riscos iminentes à ordem internacional. Como “retrato periculoso de revolucionários”, entende-se uma imagem que traga a figura de um revolucionário como risco à integridade de algo/alguém, visualmente e/ou através de uma relação intertextual. O “retrato de civis vietnamitas como vulneráveis” envolve imagens de dano ou risco de dano moral/físico/psicológico a eles, bem como situações em que estão sendo salvaguardados de alguma forma. Finalmente, o código de “defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional” abrange soldados/equipamentos estadunidenses em posições de proteção e/ou serviço, bem como pronunciamentos e ocasiões oficiais (levando em conta a intertextualidade e a visualidade de solenidade e excepcionalismo veiculada por eles).

4.1 *Aggression from the North: evidências de uma escalada “inevitável”*

Nos primeiros meses de 1965, para muitos burocratas estadunidenses, o emprego de cada vez mais força militar no Vietnã já não era uma questão em torno de uma hipótese de *se* aconteceria, e sim de *quando*; um questionamento que a maioria deles responderia, provavelmente, com urgência. Concluir isto passa, em parte, pela breve análise de correspondências e comunicações internas anteriormente trazida. Passa também, contudo, pela observação de materiais oficiais produzidos pelas agências governamentais, entendendo-as como expoente de condutas seguidas pelo governo e, conseqüentemente, do agente securitizador em questão.

Uma importante figura nesse contexto é a Agência de Informação nacional (USIA).⁵ Fundada em 1953, “seu papel primário era administrar os programas de transmissão e informação (na época referidos por alguns como “atividades de propaganda”) (*Congressional Research Service*, 2006, p. 3, tradução nossa). A atuação da agência durante seus anos de existência⁶ é apontada como um dos primeiros expoentes de diplomacia pública nos Estados Unidos (Armistead, 2002; Cull, 2009).

Esta atribuição é particularmente interessante, e nos leva à necessidade de compreender no que consiste, exatamente, a diplomacia pública. Cull (2009) define-a como

⁵ *United States Information Agency*.

⁶ Até sua incorporação ao Departamento de Estado nos anos 90 (*Congressional Research Service*, 2006)

“a tentativa de um ator internacional de gerir o ambiente internacional através de um público estrangeiro” (p. 12, tradução nossa). Por sua vez, ao observar a USIA especificamente, o Serviço de Pesquisa Congressional dos EUA descreve-a como “promoção dos interesses, da cultura e das políticas estadunidenses através da informação e da influência de populações estrangeiras” (2006, p. 1, tradução nossa). Mesclando essas duas leituras, definimos como aspectos da diplomacia pública a instrumentalização do público estrangeiro como estratégia de manutenção e/ou aquisição de poder, bem como o papel, nessa dinâmica, de elementos como o interesse e a influência estadunidenses, além do que essas e outras fontes caracterizam como propaganda (em suma, a persuasão de massas através de meios diversos).

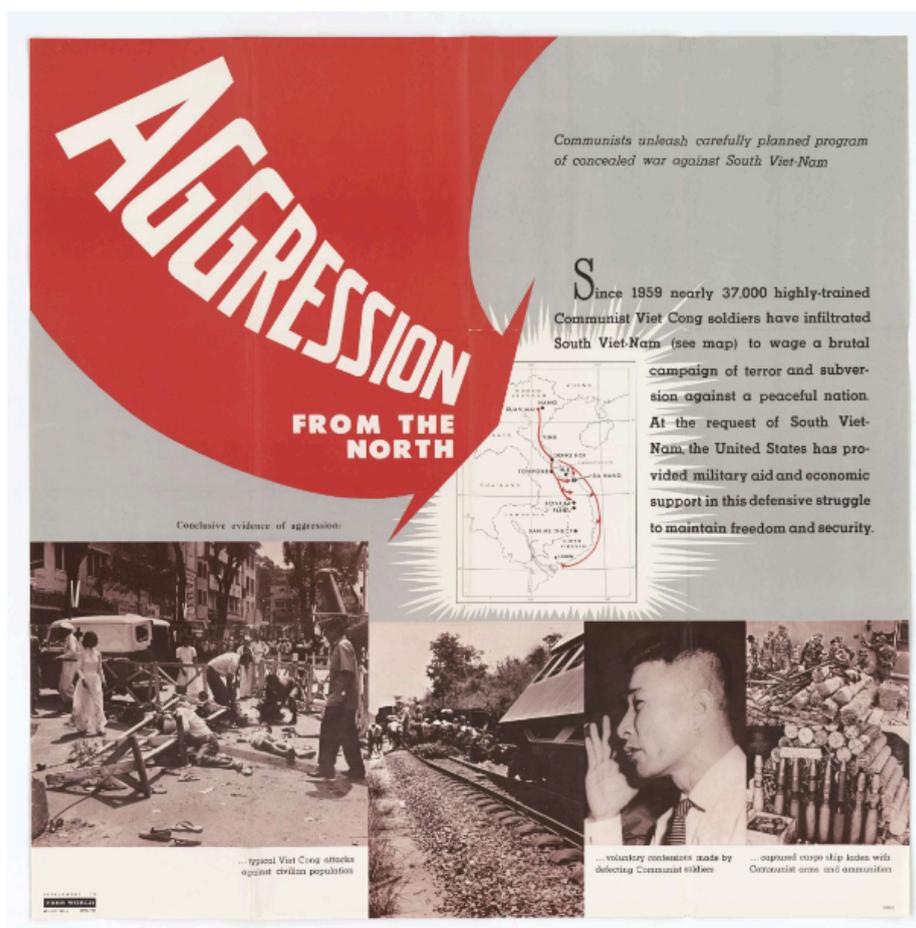
Essa miríade de ideias constrói, portanto, o papel da USIA durante a guerra. Contextualiza, ainda, o lançamento e a disseminação de materiais (*white papers*⁷) como o *Aggression From The North: The Record of North Vietnam's Campaign to Conquer South Vietnam*⁸, em 27 de fevereiro de 1965. A prática de lançar *policy papers* como este já não era completamente nova para o governo estadunidense, que quatro anos antes havia veiculado um outro, *A Threat To Peace*, também sobre a situação no Vietnã. O que há de único no texto do *Aggression From The North*, contudo, é sua ênfase no que chama de “evidências” da ameaça crescente vinda do norte, com alegações que vão desde o envio de armas para revolucionários do sul até o crescente envolvimento do Partido Comunista e seus representantes em avanços políticos (Departamento de Defesa dos EUA, 1965).

As ideias centrais do *policy paper* em questão são disseminadas, naquele momento, por meios diversos, o que inclui a imagem. Um pôster derivado dele é produzido e veiculado pela USIA, como parte de uma série de outros materiais de cunho informacional-visual. O resultado é o que vemos a seguir:

⁷ Um relatório do governo em relação a algum assunto, podendo conter informações diversas (Cambridge Dictionary, [s.d.]), desde planejamentos até conteúdo propagandístico.

⁸ “Agressão vinda do Norte: os registros da campanha do Vietnã do Norte para conquistar o Vietnã do Sul” (tradução nossa).

Figura 7 - Pôster “Aggression from the North”



Fonte: *National Archive* (via *DocsTeach*), 1965.

À primeira vista, a grande seta vermelha é o elemento de maior destaque no pôster de cores neutras. A figura da seta é um frequente objeto de estudo da semiótica, especialmente para ideias ligadas à mobilidade, entradas e fluxos (Fuller, 2002; Leeuwen, 2021). Em “*Arrows can be dangerous*”, Monk (2013) analisa situações diversas no decorrer da história em que esse símbolo foi mobilizado, desde guerras e manifestações nacionalistas até sinalizações de direção no trânsito. O autor conclui que, como signo, a seta carrega consigo bastante poder, sendo capaz de orientar-nos até mesmo fisicamente (para andar, para parar, para observar, etc.). Para além disso, ela tem um forte caráter contextual, com significados que variam a depender do público recipiente, do contexto histórico, da forma do desenho, dentre outros aspectos (Monk, 2013), o que corrobora com a proposta de visualidade em constante transformação de Mirzoeff (1999).

Retomando agora a discussão de narrativas como cadeias de signos, a seta em questão parece comunicar, de fato, uma noção de fluxo. Há detalhes em sua forma, no entanto, que

dão a esse fluxo um caráter invasivo, como seu tamanho massivo, sua orientação em direção a um mapa do Vietnã (disseminando-se em mais setas menores), o intertexto imediato da palavra agressão (Hansen, 2011) e o vermelho gritante. Em sociedades como a chinesa, a cor vermelha é historicamente associada a sentimentos de honra e fortuna; por outro lado, em meios ocidentais, é uma coloração frequentemente associada à raiva, ao sangue e outros elementos de perigo e tensão, ou ao menos de forte intensidade sentimental (Bai, 2010).

Ao fazer o exercício de contextualização proposto por Monk (2013), e o inserindo nas discussões aqui apresentadas sobre visualidade e política externa, os contornos histórico-políticos da seta vermelha ganham uma dimensão específica: a do anticomunismo. A propaganda anticomunista é repleta de signos ligados à intervenção e ao vermelho, algo já evidenciado em pôsteres como “Entre o Martelo e a Foice” (Figura 4). No entanto, ao contrário deste, que aponta a invasão comunista como algo exógeno às fronteiras vietnamitas (advinda da China e da União Soviética, os inimigos em comum), “*Aggression From the North*” localiza a ameaça precisamente no norte em relação ao sul, dando um grau maior de responsabilidade e perigo aos revolucionários de Hanoi.

Para além da seta, no entanto, o pôster traz outro tipo de recurso visual emblemático: cinco fotografias. Vale observá-las, primeiramente, de maneira separada. Da esquerda à direita, a primeira das imagens (foto I) retrata uma cena de destruição civil no sul do Vietnã. A segunda (foto II) retrata o tombo de um transporte ferroviário. A terceira (foto III) é de um homem, numa pose que denota um pronunciamento. A junção entre quarta (foto IV), acima, e quinta (foto V), logo abaixo, demonstra diversos armamentos e munição, bem como soldados apossando-se do material.

Sob a ótica proposta por Hansen (2011), evocando o texto associado a cada uma das fotografias, destacam-se expressões como “evidência conclusiva de agressão” e “ataques típicos”, o que contribui para o caráter de caos generalizado nas ruas de Hanoi. As imagens I e II são grandes responsáveis por essa noção, oferecendo a visão (especialmente para civis estadunidenses, longe do conflito) de que as ruas e vias cotidianas do Vietnã do Sul foram tomadas pelos ataques vietcongues. A sobreposição entre essas imagens (Särmä, 2018) fortalece, ainda, esse senso de frequência.

Reportando-nos ao quadro de códigos, em seguida, o próximo passo é a observação classificatória de cada uma das fotografias, o que pode ser visualizado a seguir:

Tabela 4 - Análise visual codificada de fotografias do pôster *Aggression from the North*

Foto	Cena	Sujeito primário	Retrato do sujeito	Perspectiva	Temas ligados à legitimação da escalada do envolvimento estadunidense
I	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	e) civis vietnamitas.	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida.	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	d) retrato da população vietnamita como vulnerável.
II	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo.	c) inimigo.	d) armas, equipamentos ou alvos militares em estado de destruição.	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores.	c) retrato de revolucionários como violentos.
III	c) não-combate.	c) inimigo.	c) relativa integridade/segurança	b) vista de perto e localizada em algo específico	c) retrato perigoso de revolucionários.
IV	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo.	d) armas/ equipamento	e) armas, equipamentos ou alvos militares, mas não em estado de destruição	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente;	c) retrato perigoso de revolucionários (neste caso, seu armamento).
V	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo.	d) armas/ equipamento.	e) armas, equipamentos ou alvos militares, mas não em estado de destruição,	b) vista de perto e localizada em algo específico.	c) retrato perigoso de revolucionários (neste caso, seu armamento).

Fonte: Elaboração da autora com dados de *National Archive* (DocsTeach) (2024) e Sherer (1989).

Diante desta disposição de códigos, é possível fazer alguns comentários. Primeiramente, percebe-se uma predominância, entre as imagens, de cenas que remetem ao conflito, mas que não o retratam diretamente (como uma cena de tiroteio ou trincheiras). Elas trazem, comumente, aspectos como a violência civil, o que se articula diretamente com o

tema mais frequente: o perigo dos revolucionários, que se exprime no que classificam como uma conduta rotineira de vandalismo e subversão.

Outro dado que chama atenção é a relativa diversidade de sujeitos primários e seus retratos nas figuras, o que pode dar a impressão de múltiplas perspectivas. No entanto, diante das possibilidades de classificação, percebe-se que sujeitos como a) estadunidenses e b) aliados não aparecem, visto que o objetivo do pôster parece ser mais ligado à denúncia da situação no Vietnã do que sobre a possível escalada nos esforços estadunidenses (diretamente, ao menos, pois é através da denúncia que se subsidia o argumento eventual da intervenção em massa).

Conforme Schlag (2015), tendo feito esta análise das imagens e a articulado com contornos de RI e SI da época, é interessante localizar o contexto composicional do pôster. Tendo em mente que foi produzido e veiculado pelo Estado, e entendendo este como agente securitizador no conflito, parece estratégico que se dissemine, inicialmente (ainda em fevereiro de 1965), informações sobre o panorama negativo no Vietnã do Sul, só depois articulando esse conhecimento com uma comunicação acerca da conduta a ser seguida pelos Estados Unidos (pós-julho, quando é definida a decisão de escalar os esforços), o que comunica um senso de necessidade de intervenção.

4.2 *The New York Times* em julho de 1965: o visual de um estopim

Em julho de 1965, a realidade da escalada tornava-se mais palpável a cada dia. A população estadunidense assistia a esses desenvolvimentos de maneira próxima, o que é viabilizado, em grande parte, através da mídia, desde a televisiva até a impressa. Nesse sentido, um dos jornais de maior circulação da época era o *The New York Times* (NYT), então famoso por sua proximidade com fontes do governo (o que conferia, de certa forma, credibilidade).

Disseminava-se uma noção controversa, no mínimo: a de que o NYT seria um meio de acesso apenas a fontes de alta confiança, e de que seria, assim, altamente “objetivo” (Hallin, 1986). Hallin (1986) discorre sobre as nuances dessa visão de objetividade, demonstrando que ela confere, no período de escalada de 1965, uma perspectiva afunilada a veículos como o NYT; não seria possível, afinal, veicular informações dissidentes em relação às decisões governamentais, visto que sua fonte primária e referencial de credibilidade era o próprio governo, e poucos membros dele ousavam pronunciar-se publicamente contra a guerra naquele momento.

Nesse contexto, a perspectiva afunilada do NYT pode ser interpretada através da ótica da securitização (Buzan *et al.*, 1998), tendo em mente o Estado como agente securitizador da questão e a mídia como agente funcional, que reforça o conflito como ameaça existencial perante o público. Isso é feito, por sua vez, através da veiculação de temas específicos, como proposto no início do capítulo, numa empreitada intervisual e intertextual.

Vale ressaltar que, durante o decisivo mês de julho, como observado no capítulo 2, a decisão de aumentar as tropas não é isolada, e sim precedida por diversos avanços militares e políticos; sua cobertura jornalística, no entanto, “é muda e fragmentada” (Hallin, 1986, p. 100). Não reportar, ou reportar de maneira velada o que realmente acontecia, também configura um posicionamento, o que pode ser melhor exemplificado através da análise das imagens veiculadas naquele período.

Durante julho de 1965, o NYT publicou cerca de 39 imagens⁹ relacionadas¹⁰ à situação do Vietnã. A análise visual delas está disposta no Apêndice A, e seus resultados gerais podem ser observados no seguinte quadro:

Quadro 2 - Análise visual codificada de imagens veiculadas pelo *The New York Times* em julho de 1965 acerca da Guerra no Vietnã

Cena	3 cenas de combate, com tropas e/ou armamento	17 cenas de situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	19 cenas de não-combate	-	-	-	-
Sujeito primário	17 com sujeito primário estadunidense	3 com sujeito primário aliado	6 com sujeito primário inimigo	4 com sujeito primário armas/equipamento	10 com sujeito primário civis vietnamitas	8 com sujeito primário comunidade internacional	0 com sujeito primário patrimônio
Retrato do sujeito	26 retratos de relativa segurança	9 retratos de dano à integridade psicológica/física	3 retratos de risco imediato de vida	-	-	-	-

⁹ As imagens estão disponíveis na plataforma de arquivos históricos do jornal, *Times Machine*. Por ser necessária uma licença específica para as incluir diretamente (ao contrário das outras, que são de domínio público), elas são descritas e catalogadas uma por uma no Apêndice A.

¹⁰ Imagens associadas a manchetes sobre a guerra, excluindo apenas as que são um padrão e se repetem diariamente, como mapas idênticos e não alterados do Vietnã.

Perspectiva	15: de perto	21: distância mediana	3: distância maior	-	-	-	-
Temas ligados à escalada do envolvimento estadunidense	2: simbol. comunista	0: ideia de um inimigo em comum (URSS, China e/ou outros)	7: retrato de revolucionários como perigosos	5: retrato de civis vietnamitas como vulneráveis	25: defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional	1: o mapa como instrumento que denota dominação territorial	11: ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"

Fonte: Elaboração da autora com dados de *The New York Times* (Times Machine) (2024) e Sherer (1989).

Em primeiro lugar, um dos pontos de destaque é a adição de um novo tema ligado à escalada do envolvimento estadunidense, de alta ocorrência na cobertura jornalística: a *ideia de “guerra ‘limpa, efetiva e tecnológica’”* (Epstein, 1975, *apud* Sherer, 1989, p. 391). Em sua exploração de imagens midiáticas, Sherer (1989) aponta esse aspecto como uma mensagem frequente no período de 1965, quando a opinião pública ainda era consideravelmente favorável à guerra. Na prática, isso se traduz em imagens de situações burocráticas (como reuniões institucionais e diplomáticas), de alta tecnologia militar e do aspecto operacional do conflito no geral.

Sendo este um dos temas predominantes nas imagens de julho publicadas pelo NYT, pode-se interpretar essa ocorrência através do mencionado alinhamento governo-jornal. Essa ideia corrobora, ainda, com um outro dado: a predominância de cenas de não-combate. Vale ressaltar, sobre isso, que Sherer (1989) chega ao mesmo diagnóstico ao analisar suas fontes, o que parece configurar uma tendência da mídia da época. Ao observar a categoria de retrato do sujeito, ainda, a noção de uma guerra distante e controlada é novamente reforçada, dada a frequência significativamente maior de situações de relativa segurança.

Uma outra adição ao quadro é na categoria de sujeitos primários, na figura da *comunidade internacional*. Durante a análise visual, chegou-se à conclusão de que há imagens que não podem ser totalmente encaixadas nos códigos de aliado ou inimigo, em parte pela variedade das pessoas retratadas, mas também pela mensagem que tendem a comunicar, de algo aparentemente “externo”, porém que observa o escopo EUA-Vietnã. Evidentemente, é possível que esses agentes estejam sim majoritariamente alinhados a um dos lados; no entanto, compreendemos que sua mobilização é feita no sentido de construir uma imagética de “terceira parte”, reforçando a ideia de que a questão no Vietnã é uma preocupação global, o que aumenta sua dimensão e urgência.

Por se tratarem de notícias diárias, e levando em conta a importância de situar os conteúdos visuais composicionalmente (Schlag, 2015) (neste caso, em relação à sua publicação e seu público-alvo), é interessante compreender a aplicação desses dados através do mês, tanto em sua veiculação quanto na não-veiculação. Na categoria de cenas, o primeiro código, ligado a situações explícitas de combate, é o menos predominante. Das suas únicas três ocorrências, duas foram na mesma data: o dia 29, logo após o anúncio presidencial do dia 28, onde houve o maior número de imagens relacionadas à guerra no mês. A única ocorrência que remete explicitamente ao conflito antes destas é do dia 19: uma fotografia de McNamara e do general Wheeler, ativo na zona de combate, na qual ambos sorriem. A composição da fotografia, focando no semblante dos dois, parece um contraste direto com o intertexto imediato (Hansen, 2011), que anuncia um novo bombardeio no Norte. É nessa disparidade, no entanto, que reside um exemplo dos dois dos temas mais predominantes na cobertura: a já mencionada ideia de guerra “limpa, efetiva e tecnológica” (através do enfoque no canhão e na satisfação alcançada por seus resultados) e a defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional.

A alta frequência deste último código conecta-se com outro de destaque: o sujeito primário estadunidense, peça central na comunicação de valorização nacional, especialmente nas figuras de soldados e líderes proeminentes. Esses fenômenos podem, ainda, ser diretamente interligados com a conduta de McNamara descrita no capítulo 2, de priorizar a preservação da reputação estadunidense e a prevenção de seu constrangimento internacional em detrimento de outras questões, como o auxílio no Vietnã ou mesmo o anticomunismo. Reitera-se aqui o argumento de que as imagens não são meramente a representação dessa noção, mas sim construtoras e reforçadoras dele perante o público geral, que estaria cada vez mais profundamente envolvido com a guerra nos meses a seguir, desde jovens sendo chamados ao serviço até famílias que sofreriam com a falta de seus entes. Produzir e manter um ideal, portanto, torna-se cada vez mais crucial para o avanço dos interesses estadunidenses, o que envolve a mobilização de aspectos como o patriotismo, a devoção, a honra, dentre outros adjacentes.

Um último elemento incluso no quadro também está dentre os temas: é a ideia de dominação territorial, expressa através da figura do mapa. O “perigo da conquista” é algo observado desde a seta do pôster, que deságua em setas menores e ocupa os contornos do território vietnamita. Curiosamente, praticamente todas as edições do mês de julho trouxeram, atrelado às manchetes sobre a guerra, um mapa do Vietnã. No entanto, a única ocorrência do código registrada se deve a uma figura cartográfica repleta de outros signos; no

dia 22, uma reportagem foi veiculada acerca das intenções territoriais dos revolucionários *versus* as pretendidas pelos Estados Unidos, e a representação cartográfica demonstrou uma “pintura” significativamente maior para os primeiros.

O estudo semiótico da cartografia - cartossemiótica - é um campo amplo e prolífero, explorando essas e outras nuances. Uma citação de Wood (2010), em particular, é interessante não só para contemplar essa adição ao quadro, mas para estabelecer uma analogia direta com um dos cerne do presente estudo:

A maneira mais fácil de libertarmos o poder dos mapas seria perceber o fato de que mapas são proposições. Tão logo concebemos os mapas como representações, nossa imaginação será amarrada a uma imagem alegada de que os mapas não são mais do que espelhos. Invariavelmente, essa imagem recebida é inadequada, imprecisa, frequentemente falsa: e sempre é escrava de interesses dominantes (WOOD, 2010, p. 39, tradução nossa).

Assim como mapas, imagens veiculadas num jornal (bem como nos mais diversos meios) vão muito além de um meio para visualmente compreender um enunciado. Entendê-las como proposições é um caminho necessário para as inserir histórica e politicamente, partindo do princípio de que a composição, a escolha e a veiculação delas é estratégica na produção de opiniões, decisões e realidades.

4.3 “*Why Vietnam*”: quando governo e mídia unem-se na legitimação

A última das fontes primárias a ser analisada é o documentário “*Why Vietnam*”¹¹, também de 1965. Produzido pelo Departamento de Defesa, ele foi veiculado como parte da série *The Big Picture*, um dos maiores expoentes audiovisuais de propaganda militar estadunidense (Crean, 2016).

Iniciada durante a Guerra das Coreias, nos anos 50, a série chegou a ser distribuída a mais de 300 estações comerciais de transmissão no país, em um momento em que certa cota dos conteúdos televisivos era destinada ao serviço público (Crean, 2016). Além disso, episódios como “*Why Vietnam*” tiveram milhares de suas cópias enviadas para circulação em escolas e faculdades (Baqué, 2022; Barnouw, 1993; Commager, 1967), bem como foram apresentadas a soldados prestes a partir (James, 1989).

¹¹ “Por que Vietnã” (tradução nossa). Apesar de algumas fontes optarem pela grafia do nome com uma interrogação (?), escolhemos não incluir o sinal, como consta no título no documentário original, evidente na cena de introdução. Além disso, como observa Baqué (2022), o fato de não haver uma interrogação parece corroborar com o caráter de reafirmação de ideais legitimadores, afastando-se da possibilidade de se interrogar sobre eles.

Desde logo antes da escalada de 1965 até alguns anos depois, em meados de 1967, alguns episódios foram produzidos no sentido de explicar as motivações para um maior envolvimento dos Estados Unidos na guerra, através de artifícios como a teoria do dominó para a construção de uma narrativa de legitimação (Crean, 2016).

Esta teoria, por sua vez, é uma importante dimensão do panorama aqui construído. Ainda na década de 50, quando o envolvimento estadunidense no conflito ainda era majoritariamente por meio do envio de recursos e de influências político-ideológicas, o então presidente Dwight Eisenhower ofereceu sua perspectiva acerca do que seria o dito “efeito dominó”, referindo-se à iminência da disseminação de ideais comunistas: “você tem uma linha de dominós preparada. Você derruba o primeiro, e o que vai acontecer com o último é que ele vai cair rapidamente. Então você pode ter o início da desintegração que teria as mais profundas influências” (2014, p. 108, tradução nossa). É possível articular essa noção com outras de anos após, como a de “contenção da maré” comunista durante os anos 60, mencionada no capítulo 2. Elas e outras constroem um imaginário de urgência e dever estadunidenses, e de que uma mínima movimentação do inimigo poderia significar a ruína da ordem internacional.

É nesse argumento que reside “*Why Vietnam*”; no desenho de uma situação em que o mundo estaria clamando pela ação estadunidense, algo baseado em acontecimentos históricos e na capacidade de agir desenvolvida pelo país. Barnouw (1993) e Commage (1967) descrevem-no como essencialmente propagandístico, o que pode ser associado a elementos desde a sonoridade dramática até as distorções imagético-discursivas, o que observaremos a seguir. É, ainda, um documentário emblemático por uma série de outras razões. Em primeiro lugar, é um expoente da reputação da guerra como popular e, principalmente, televisionada. Em seguida, é uma união de duas abordagens trazidas até aqui, do governo e da mídia, tensionando a possibilidade de agente securitizador e agente funcional agirem em camadas totalmente diferentes da legitimação (e da eventual securitização).

Quanto à análise visual proposta, foram consideradas 55 *frames* do filme. Os frames foram escolhidos como representação de cada uma das cenas do documentário, para fins de catalogação. Essas atribuições podem ser observadas no Apêndice B, e seus resultados gerais estão dispostos no quadro a seguir:

Quadro 3 - Análise visual codificada de frames representativos de cenas do documentário “*Why Vietnam*”

Cena	11 cenas de combate, com tropas e/ou armamento	18 cenas de situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	27 cenas de não-combate	-	-	-	-
Sujeito primário	19 com sujeito primário estadunidense	1 com sujeito primário aliado	13 com sujeito primário inimigo	4 com sujeito primário armas/equipamento	12 com sujeito primário civis vietnamitas	3 com sujeito primário comunidade internacional	3 com sujeito primário patrimônio
Retrato do sujeito	33 retratos de relativa segurança	6 retratos de dano à integridade psicológica /física	12 retratos de risco imediato de vida	-	-	-	-
Perspectiva	16: de perto	27: distância mediana	12: distância maior	-	-	-	-
Temas ligados à escalada do envolvimento estadunidense	6: simbol. comunista	10: ideia de um inimigo em comum (URSS, China e/ou outros)	8: retrato de revolucionários como perigosos	13: retrato de civis vietnamitas como vulneráveis	30: defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional	2: figura do mapa como instrumento que denota dominação territorial	11: ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"

Fonte: Elaboração da autora com dados do documentário “*Why Vietnam*” (YouTube) (1965) e Sherer (1989).

Para compreender a aplicação desses dados, vale compreender os passos tomados pelo documentário para construção de sua narrativa., tendo em mente que “o que caracteriza o filme documentário como narrativo é o fato de ele ser o relato visual de um evento, ou de vários eventos” (Castro, 2005. p. 10); em outras palavras, que os recursos imagéticos são o que há de mais central no processo de contar uma história nesse gênero do audiovisual. Tudo começa com um discurso de Lyndon, B. Johnson, onde se dirige à população estadunidense para discutir as últimas decisões em relação à guerra.

Figura 8 - Frame 1 (Discurso de Lyndon B. Johnson)



Fonte: Documentário “*Why Vietnam*”(YouTube), 1965.

Figuras como essa, retratando pronunciamentos oficiais, são uma grande parte daquelas classificadas como “não-combate”, o código de cenas encontrado como predominante. Ele abrange, ainda, cenas de discussões, conferências internacionais e outras situações corriqueiras, que estão diretamente conectadas ao tema da "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica", significativamente frequente nas codificações.

Na sequência, contudo, vêm imagens de teor completamente distinto, ambas associadas ao segundo código de cenas mais frequente: o de situações ligadas ao combate, porém sem conflito armado explícito. Primeiro, um soldado estadunidense caminha em meio à selva no Vietnã; em seguida, uma criança vietnamita pode ser vista aos prantos. Aqui estão representados dois dos três sujeitos primários mais observados: o estadunidense (na figura do soldado) e os civis vietnamitas, na figura da criança).

O sujeito estadunidense é frequentemente retratado, no filme, em posições de honra ou serviço, como soldado, líder ou burocrata, o que é contemplado pelo código de tema mais utilizado: defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional. Por outro lado, a população vietnamita é vista em diversas situações de vulnerabilidade (o que compõe uma boa parte dos retratos de risco imediato de vida e dano à integridade física/psicológica). A criança em perigo é um elemento-chave dessa composição, aparecendo em pelo menos nove diferentes cenários no documentário, algo comumente observado em meios propagandísticos durante a Guerra Fria e seus conflitos *by proxy*, como o em questão (Peacock, 2014).

Figura 9 - *Frames 2* (Soldado estadunidense no Vietnã) e *3* (Criança vietnamita chorando)



Fonte: Documentário “*Why Vietnam*”(YouTube), 1965. Montagem da autora.

A sobreposição entre imagens como essas propõe-se a produzir, diante do telespectador, um imaginário específico acerca do dever militar e nacional dos EUA durante o conflito, mobilizando questões “inegavelmente” éticas (como o auxílio a uma criança). Constrói, ainda, a narrativa que James (1989) descreve como a de que “a Guerra no Vietnã era uma guerra defensiva; os Estados Unidos estavam simplesmente ‘ajudando um povo livre a defender sua soberania’ contra Ho (Chi Minh) e seu ‘reino do terror’” (p. 202, tradução nossa).

Retomando o decorrer do filme, um outro sujeito primário logo é introduzido: o patrimônio. Incluso ao quadro durante a análise, o patrimônio é algo distinto de bens materiais como armas e equipamentos; prédios, casas e estruturas do cotidiano local são levados em conta. Esse código é geralmente utilizado em cenas de destruição, contribuindo para a noção de perigo tanto ao redor do inimigo vietcongue quanto do inimigo exterior em comum, como a China ou a União Soviética.

Figura 10 - Frame 4 (Cena de destruição civil)



Fonte: Documentário “*Why Vietnam*”(YouTube), 1965.

O documentário passa a traçar, então, uma trajetória, contada pela perspectiva estadunidense, de eventos bélicos marcantes vividos pelo mundo. As primeiras cenas datam de 1938, quando Adolf Hitler, então chanceler da Alemanha, e Neville Chamberlain, primeiro-ministro inglês, encontram-se para um acordo; posteriormente, seus desdobramentos seriam incluídos no que veio a ser a Segunda Guerra Mundial. Em sequência, são mostrados registros da chegada de ambos; da população, saudando o líder alemão; e de bandeiras do Reino Unido e da Alemanha nazista.

Enquanto a multidão pode ser ouvida saudando no background, Chamberlain olha diretamente para a câmera, como se para assegurar a audiência por trás das câmeras de que pode confiar nele, e o *frame* congela nesse olhar. Os sons diegéticos da multidão são substituídos pela narração, derradeiramente citando a famosa frase “Paz em nosso tempo”, bem como por música estrondosa diante de longas cenas de ruína da guerra; um corte brusco à esquerda que revela prédios destruídos e paredes solitárias. Após um corte, uma vista aérea mostra a destruição de cima. Essas ruínas sem identificação, que poderiam ser em qualquer lugar da Europa durante a Segunda Guerra, são apresentadas pela narrativa como “um atalho ao desastre” e uma “lição” (00:01:52) (Baqué, 2022, p. 7, tradução nossa).

Algo que chama a atenção neste breve excerto é como a figura do patrimônio é colocada em evidência, não só como um bem público ameaçado pelo inimigo, mas como algo que une toda a comunidade-alvo em uma mazela compartilhada. É uma tendência seguida pelo resto do filme, que ocasionalmente recorre a imagens de um Vietnã destruído, no que pode ser interpretado como uma analogia histórica de repetição dos “erros do passado”.

Entende-se, portanto, que as decisões que levam à Segunda Guerra Mundial são retratadas como uma espécie de precedentes, especificamente do que *não fazer*. Convergindo com esta ótica e nos reportando a aspectos contextuais (Schlag, 2015) e intertextuais (Hansen, 2011), é viável interpretar que o tema de inimigos massivos como o regime nazifascista de Adolf Hitler num documentário acerca do Vietnã - especialmente seu retrato - podem servir como uma tentativa de equiparação político-ideológica entre eles por parte dos EUA, o que é estratégico mediante o convencimento e a legitimação para o público geral. Nesse sentido, vale observar que, em seguida, imagens de Mussolini e as destruições do conflito entre Itália-Etiópia passam a integrar essa composição visual, sobrepondo-se e dando a percepção de um perigo constante, com o qual se deve “aprender”. Ainda nesse sentido, a Guerra das Coreias vem em seguida como uma ocasião em que a conduta dos EUA já passou por ajustes necessários, tornando-se mais incisiva, o que é demonstrado através de cenas progressivas de bombardeio e ataque. Dessa forma, é uma cadeia de recursos visuais que comunica que os “ajustes necessários” seriam justamente os avanços militares exponenciais.

Figura 11 - *Frames 5* (Hitler chega para conferência), *6* (Destruição de patrimônio civil pós-IIGM), *7* (Mussolini discursa sobre ação na Etiópia) e *8* (Conflito armado no território etíope).



Fonte: Documentário “*Why Vietnam*”(YouTube), 1965. Montagem da autora.

Transmitido esse senso, o foco passa a ser a exposição de motivações para o emprego de cada vez mais forças estadunidenses em solo vietnamita. Apesar de construir, intervisual e

intertextualmente, a narrativa de que a ação dos EUA seria uma mera consequência defensiva diante do avanço de revolucionários comunistas e sua ideologia, um ponto peculiar é que, dentre as ocorrências do código de sujeito primário “inimigo”, a figura do vietcongue propriamente dita é praticamente invisível, algo também percebido no estudo de James (1989). No lugar dela, e para expressar o seu perigo como tema, o documentário aposta em cenas de destruição civil e dano à integridade de civis vietnamitas e soldados estadunidenses.

Nesse caso específico, mas também no geral, como demonstra o restante do filme, o foco imagético é a ideia de justificativa, e mesmo da inevitabilidade da intervenção. Um elemento que sustenta essa construção, de destaque na composição audiovisual, é a sequência. Não importa apenas o tipo de imagem escolhida, afinal, mas também em que ordem ela está em relação a outras, e que tipo de mensagem isso comunica. Consideremos, para além das anteriores, o seguinte exemplo:

Figura 12 - *Frames 27 (Civis mortos e destruição civil) e 28 (Retrato de Ho Chi Minh)*



Fonte: Documentário “*Why Vietnam*” (YouTube), 1965. Montagem da autora.

Em certos momentos do documentário, a simbologia comunista é colocada em contraste imediato com mensagens de perigo e devastação. Isso comunica ao telespectador, para além de uma mensagem pejorativa em relação aos revolucionários, um senso de causalidade entre caos e vietcongues; além disso, de ordem entre estadunidenses e o contexto vietnamita, o que é reforçado pelas mencionadas cenas de trabalho e salvaguarda em que se inserem os soldados.

Quando esse contraste não é demonstrado através de uma sequência, ele pode aparecer através de intertextos imediatos, que aqui defendemos que podem ou não fazer parte do processo de construção de significados, porém o integram de maneira interessante. É o caso do seguinte *frame*, em que Ho Chi Minh interage com um grupo de crianças:

Figura 13 - Frame 20 (Ho Chi Minh com crianças)



Fonte: Documentário “*Why Vietnam*” (YouTube), 1965.

A narração por trás da fala sobre a conduta sorridente e tranquila do líder, e que, por trás dela, há o plano de instaurar terror no Sul. Esses contrastes, sejam evidenciados numa relação imagem-imagem e/ou imagem-texto, comunicam uma mensagem de dissimulação e perigo iminente. Reutiliza-se, ainda, a figura infantil, aumentando o teor de vulnerabilidade civil e, portanto, o risco implicado na liderança de Ho Chi Minh.

Retomando o tema da defesa da necessidade de intervir e da honra, há uma vertente específica na qual as imagens têm um papel constituinte: a de exaltação das contribuições estadunidenses ao Vietnã do Sul, por meio de recursos materiais, cuidados diversos (de proteção militar à atenção médica) e até mesmo a intervenção política. Com forte teor propagandístico, é uma parte particularmente atrelada a distorções históricas (Commage, 1967; James, 1989; Barnouw, 1993). No *frame* 21 (Apêndice B), por exemplo, são retratadas eleições no Sul, em detrimento de cenas que implicam na ausência delas no Norte; no 23, há a imagem de agricultores no que parece ser uma conquista de reforma agrária ao Sul. A história (como demonstrado no capítulo 2) demonstra, no entanto, que 1) essas e outras políticas não são mérito dos EUA; 2) há graves falhas representativas e de eficiência no governo instaurado no Sul; 3) há um apagamento dos processos políticos do Norte, num revisionismo reafirmado pela ausência oportuna de visualidade acerca deles.

Dessa forma, “*Why Vietnam*” traz novas roupagens a temas e tendências das outras fontes analisadas, além de inaugurar suas próprias, sendo um dos primeiros documentários

acerca do conflito do Vietnã a ser veiculado em massa para o cidadão médio estadunidense (Barnouw, 1993). É, enfim, um exemplo visual exímio da essência da propaganda política estadunidense nos anos 60.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Este é um tipo diferente de guerra. Não há exércitos marchando ou declarações solenes [...] mas não devemos deixar isso mascarar o fato central de que isso é realmente guerra” (Johnson, 1965, tradução nossa). Este excerto do histórico discurso do presidente Lyndon B. Johnson guia-nos do início ao fim do trabalho, à medida que buscamos compreender o que configura, visualmente e naquele momento, “realmente guerra”. A partir da revisão de bibliografias diversas, da contextualização histórica e da análise visual das três fontes primárias, é possível destacar algumas conclusões.

À primeira vista, percebe-se que o pôster *Aggression from the North* possui algumas diferenças fundamentais em relação às outras fontes; especialmente se levados em conta seus códigos predominantes de tema (retrato periculoso dos revolucionários), sujeito primário (inimigo e armas/equipamento) e retrato do sujeito (diversos). No entanto, após o estudo, compreende-se não só que os temas estão todos intrinsecamente ligados à mesma narrativa de intervenção, mas também que os contornos temporal e composicional são um fator central em seu estudo. Nesse sentido, parece lógico que o tipo de imagem mais frequente no pôster seja a de inimigos perigosos, destrutivos e munidos de armamento alguns meses antes do direcionamento do discurso institucional e burocrático (público produtor e consumidor dos *white papers*) em direção ao que derivaria dessa mensagem: a defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense.

Em relação a este tema, que age como elo conector de todos os outros, destaca-se sua predominância nas outras duas fontes primárias, que giram em torno do período e logo depois de julho de 1965 e são unidas por sua veiculação em massa. As similaridades entre elas incluem, ainda, o sujeito primário mais frequente (estadunidenses) e a modalidade de retrato em relativa segurança, bem como a predominância de cenas de não-combate. Além de sustentar a narrativa de força e eficiência no serviço dos EUA, este último dado conecta-se diretamente com outro tema: o da ideia de uma “guerra ‘limpa, efetiva e tecnológica’”, que manteria os soldados seguros e assertivos com mecanismos de ponta. Aí residia a guerra, decidida em ambientes estéreis e burocráticos, algo reforçado por imagens de reuniões e discursos oficiais. A real zona de combate, bem como os vietcongues, são ocultados em detrimento destas cenas, o que sustenta uma opinião pública positiva (ou ao menos neutra) pelos anos iniciais de escalada.

Sobre as imagens do jornal e o papel da mídia como um todo, é visível a forte conexão que o NYT havia estabelecido com o governo em meados dos anos 1960, dado o

canal direto para obtenção de fotografias e histórias, mas também dado o pouco espaço para crítica ou questionamento à guerra. Como apontado por Hallin (1986), existiam pessoas, dentro e fora das instituições governamentais, que alertavam para os riscos associados à guerra, e que as probabilidades não eram positivas. No entanto, a análise das fotografias do mês de julho de 1965 levam à compreensão de que o jornal não só tinha sua mensagem alinhada com as provisões estatais, mas de maneira extremamente presidencialista, privilegiando a amplificação de mídias e posicionamentos atrelados a Johnson e funcionários próximos, como Dean Rusk e Robert McNamara. Na prática, esse privilégio leva ao afunilamento de perspectivas que de fato aparecem nas manchetes, e ao processo de exclusão de tudo aquilo que é indesejado ou ruim para a reputação e a credibilidade do executivo. Tudo isso se traduz em imagens como as já exemplificadas, da guerra como algo distante e operacional, retratando encontros diplomáticos, viagens e cenas correlatas enquanto a situação real era agravada. Afinal, a veiculação de narrativas imagéticas não é explicada apenas por aquilo que chega ao jornal e às mesas de milhões de cidadãos; é também sobre o que não chega, e a série de razões por trás desta ausência.

“*Why Vietnam*”, por fim, aprofunda essas complexidades da dinâmica governo-mídia, unindo as duas frentes no propósito da propaganda e numa relação que é, à primeira vista, estritamente hierárquica; Estado (agente securitizador) acima, dando ordens e até determinando um horário e canais para a transmissão obrigatória de seus conteúdos, e mídia (agente funcional), meramente reforçando seus interesses perante o grande público. A análise do documentário tensiona essas noções, de certa forma, ao observarmos que, mesmo sendo aquele que executa e viabiliza o processo de securitização, o governo molda e adapta o conteúdo que produz para que se encaixe no contexto social-midiático da época, apelando ao senso ético e moral do público-alvo de maneira estratégica.

Retomando as correlações, outra diferença (ou complementaridade) que pode ser percebida entre a primeira e as duas outras fontes é a forma com que se manifesta a simbologia comunista. No pôster, é possível ver elementos como a seta vermelha remetendo à ideologia. Já nas imagens do jornal e do documentário, a forma mais comum de retratar o comunismo é através da figura de líderes, principalmente a de Ho Chi Minh. Mais interessante, este retrato é feito, em algumas ocasiões, de maneira análoga a algo iconoclasta, com fotos emolduradas e insinuando um senso de idolatria por parte dos revolucionários. Os líderes estadunidenses, por sua vez, são retratados enquanto falam à população ou entre si, de maneira a os humanizar e de aproximar seus propósitos da audiência.

Reportando-nos a Hansen (2011), percebemos que esses signos costumam estar ligados entre si e atrelados a um texto imediato, que também pode auxiliar na compreensão da mensagem que se busca estudar. Nesse caso, pronunciamentos oficiais e palavras-chave enfatizam o potencial construtor da relação intertextualidade-intervisualidade. O estudo buscou evidenciar, ainda, que essa interação não deve colocar a imagem abaixo do discurso ou como seu acessório, destacando seu potencial retroalimentar e circular. Em outras palavras, um significado leva ao outro, e é neste processo que se produzem elementos como o desde o interesse nacional e a opinião pública até a securitização.

Quanto às contribuições de Schlag (2015), sua proposição de um método para o estudo de imagens em Segurança é um ponto de partida essencial. Ao escrever direcionamentos gerais, não especificando um padrão para a análise visual, a autora abre um espaço para discussões como esta, que situam suas particularidades e suportes teóricos na construção de um passo-a-passo condizente com o fenômeno aqui estudado. Assim, foi possível incorporar ferramentas da semiótica e de perspectivas diversas, ainda seguindo como guias os contextos da visualidade, de RI e de SI de cada fonte (Schlag, 2015).

Adicionalmente, o pensamento em colagem (Särmä, 2018) auxiliou, em vários momentos, na visualização de aspectos que ultrapassam os códigos propostos, como sua disposição em sequências de cena. É uma abordagem que demonstra, ainda, o potencial que campos como as artes visuais têm de contribuir para os Estudos de Segurança, ampliando seu ferramental analítico.

“Realmente guerra”, portanto, é um mosaico imagético e discursivo de referências histórico-políticas, que pode ser veiculado pelo governo, pela mídia ou por meios que unem essas duas esferas de legitimação. Através dessa noção, o presente trabalho buscou observar, em termos da Guerra do Vietnã e do período de julho de 1965, a visualidade do que (e de quem) é a ameaça existencial construída pelos Estados Unidos, de que maneiras isso é comunicado e disseminado em massa, nacional e internacionalmente.

Com isso em mente, propomos que haja cada vez mais avanços numa vertente ainda relativamente germinal, porém com potencial imenso: a Segurança Visual. Em um mundo com acesso crescente a informações multimídia, bem como a múltiplos arquivos e formas de os catalogar, ela é uma avenida de compreensão que possibilita não só a revisitação e a renovação do estudo de episódios pretéritos, como também pode ampliar os horizontes de pesquisa e metodologias para fenômenos atuais.

REFERÊNCIAS

- 1965 Vietnam Documentary.** C-Span: American History TV, [s.l.], 2011. Vinheta. Disponível em: <<https://www.c-span.org/video/?302213-1/1965-vietnam-documentary>>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- ACHARYA, Amitav. The Periphery as the core: The Third World and Security Studies. In: *Strategies in Conflict: Critical Approaches to Security Studies*, 1994, Toronto. **YCISS Occasional Paper**, n. 98 [...] Toronto, 1995. Disponível em: <<https://yciss.info.yorku.ca/files/2012/06/OP28-Acharya.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2024.
- AGÊNCIA DE INFORMAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS.** Aggression From the North. 1965, Cartazes de propaganda distribuídos na Ásia, América Latina e Oriente Médio, College Park. Versão Online. Disponível em: <<https://www.docsteach.org/documents/document/aggression-north>>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- AMARAL, Arthur Bernardes do. **A Guerra ao Terror e a Tríplice Fronteira na agenda de segurança dos Estados Unidos.** Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<https://www.funag.gov.br/ipri/btd/index.php/component/content/article/10-dissertacoes/1823-a-guerra-ao-terror-e-a-triplice-fronteira-na-agenda-de-seguranca-dos-estados-unidos?Itemid=102>>. Acesso em: 20 mar. 2024.
- ARMISTEAD, Leigh. Fall from Glory: The Demise of the United States Information Agency during the Clinton Administration. **Journal of Information Warfare**, v. 1, n. 3, pp. 107-119, 2002. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/26504108>>. Acesso em: 17 set. 2024.
- ASSELIN, Pierre. **Hanoi's Road to the Vietnam War, 1954-1965.** Berkeley: University of California Press, 2013.
- AUSTIN, Jonathan. BRAMSEN, Isabel. Visual (data) observation in International Relations: Attentiveness, close description, and the politics of seeing differently. **Review of International Studies**, pp. 1-22, 2023. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/review-of-international-studies/article/visual-data-observation-in-international-relations-attentiveness-close-description-and-the-politics-of-seeing-differently/C1DD0228330C70D0C11AA26FF5B1DC55>> Acesso em: 20 ago. 2024.
- BAI, Yanping. Comparison of Red in Chinese and English. **Hawaii Pacific University Working Paper Series**, v. 8, n. 1, pp. 33-38, 2010. Disponível em: <<https://www.hpu.edu/research-publications/tesol-working-papers/2010/BaiRed.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2024.
- BAQUÉ, Zachary. “First they bomb as much as they please, then they film”: The Politics of War Ruins in Two Vietnam War Documentaries. **Transatlantica**, n. 1, pp. 1-19, 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/361695439_First_they_bomb_as_much_as_they_please_then_they_film_The_Politics_of_War_Ruins_in_Two_Vietnam_War_Documentaries>. Acesso em 29 set. 2024.

BARNOUW, Erik. **Documentary: A History of the Non-Fiction Film**. 1974. Nova Iorque e Oxford: Oxford University Press, 1974.

BLEIKER, Roland. **Aesthetics and World Politics**. Nova Iorque: Palgrave Mcmillan, 2009.

BLEIKER, Roland. The Aesthetic Turn in International Political Theory. Millennium: **Journal of International Studies**, v. 30, n. 3, p. 509-533, 2001. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/37624091_The_Aesthetic_Turn_in_International_Political_Theory>. Acesso em: 15 fev. 2024.

BLEIKER, Roland. Visualizing international relations: Challenges and opportunities in an emerging research field. **Journal of Visual Political Communication**, v. 10, n. 1, pp. 17-25, 2023.

BREDEKAMP, Horst. **Teoría del Acto Icónico**. Madri: Akal, 2017.

BUTLER, Judith. **Frames of War: When is Life Grievable?** Londres: Verso, 2009.

BUZAN, B.; WÆVER, O.; DE WILDE, J. **Security: a new framework for analysis**. Colorado: Lynne Renner Publishers, 1998.

CALLAHAN, William A. **Sensible Politics: Visualizing International Relations**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2020.

CALLAHAN, William. The visual turn in IR: documentary filmmaking as a critical method. Millennium - Journal of International Studies, v. 43, n. 3, pp. 891-910, 2015.

CAMPBELL, David. **Writing Security: United States Foreign Policy and the Politics of Identity**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1998.

CARLAND, John. **Stemming the Tide: May 1965 to October 1966**. Washington, D.C: Center of Military History, 2000.

CASTRO, Thiago B. **A narrativa do cinema documentário : análise da obra de Eduardo Coutinho**. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 102, 2005.

CREAN, Jeffrey. Advertising by other means: how the U.S Army depicted the Vietnam War in its television program *The Big Picture*. In: MILAM, Ron. **The Vietnam War in Popular Culture: the influence of America's most controversial war on everyday life**. Bloomsbury Publishing, 2016.

COMMAGER, Henry Steele. On the Way to 1984. **The Saturday Review**, 15 abr. 1967, pp. 68-69. Disponível em: <<https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP75-00001R000100300005-9.pdf>>. Acesso em 20 set. 2024.

CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE. **U.S Public Diplomacy: Background and the 9/11 Commission Recommendations**, 2006. Disponível em: <<https://crsreports.congress.gov/product/pdf/RL/RL32607/6>>. Acesso em 20 set. 2024.

CULL, Nicholas J. **Public Diplomacy: Lessons from the Past**. Los Angeles: Figueroa Press, 2009.

DOCSTEACH. **Between the Hammer and the Sickle**, 1951. Disponível em: <<https://www.docsteach.org/documents/document/time-left-helmet>>. Acesso em 15 ago. 2024.

DOCSTEACH. **Keeping Track of Time Left on His Helmet**, 1968. Disponível em: <<https://www.docsteach.org/documents/document/time-left-helmet>>. Acesso em 15 ago. 2024.

DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS EUA. **Aggression from North Vietnam**, 1965. Disponível em: <https://www.digitalhistory.uh.edu/disp_textbook.cfm?smtID=3&psid=3640>. Acesso em: 15 set. 2024.

EISENHOWER, Dwight. Public papers of the presidents: Dwight D. Eisenhower (1954). In: DITTMER, Jason; SHARP, Jo. **Geopolitics: An Introductory Reader**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2014.

ELMAN, C.; ELMAN, M. F. The Role of History in International Relations. **Millenium**, v. 37, n. 2, p. 357-364, 2008. Disponível em: <<https://kropfpolisci.com/ir.and.history.elman.pdf>> . Acesso em: 18 mar. 2024.

ESTADOS UNIDOS. **67. Memorandum From Secretary of Defense McNamara to President Johnson July 20**. Washington, 1965. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1964-68v03/d67>>. Acesso em 20 ago. 2024.

FLOYD, Rita. Securitisation and the function of functional actors. **Critical Studies on Security**, v. 9, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21624887.2020.1827590>>. Acesso em: 25 mar. 2024.

FULLER, Gillian. The Arrow - Directional Semiotics: Wayfinding in Transit. **Social Semiotics**, v. 12, n. 3, 2002. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10350330216376?casa_token=FuPrGaNRlxQAAAAA:fdgynxV1eEE-m4MjV774htaDyufsOJ5ETcBQdX7oml0XU5iqoreDOVGOpqMfqBqlOAjxYHl6lv2pXw> Acesso em: 20 set. 2024.

GALLOVICOVA, Alexandra. Enemies of Rationality, Mirrors of Intent? The Role of Images in International Relations, Part I. **Strife Journal**, n. 3, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/327771762_International_Relations_in_the_Age_of_the_Image>. Acesso em: 15 fev. 2024.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt#>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

GUAN, Ang Cheng. **The Vietnam War from the Other Side: The Vietnamese Communists' Perspective**. Nova Iorque: Routledge Curzon, 2002.

HALLIN, Daniel C. **The "uncensored war": the media and Vietnam**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1986.

HANSEN, Lene. Theorizing the image for Security Studies: Visual securitization and the Muhammad Cartoon Crisis. **European Journal of International Relations**, v. 17, n. 1, p. 51-74, 2011. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1354066110388593>>. Acesso em: 22 mar. 2024.

HERRING, George C. **America's Longest War: the United States and Vietnam, 1950-1975**. Nova Iorque: Newberry Award Records, 1986.

HUÝNH, Kim Khánh. **Vietnamese communism, 1925-1945**. Reino Unido, Cornell University Press, 1982.

JAMES, David E. **Allegories of cinema: American film in the sixties**. Nova Jersey: Princeton University Press, 1989.

JERVIS, Robert. **The logic of images in international relations**. Nova Jérsei: Princeton University Press, 1970.

JERVIS, Robert. **Perception and misperception in International Politics** . Nova Jérsei: Princeton University Press, 1976.

JOHNSON, Lyndon B. **The President's News Conference Online (1965) by Gerhard Peters e John T. Wolley**. The American Presidency Project, 1965, [s.l.]. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/the-presidents-news-conference-1038>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

JUNIOR, E. B. L.; OLIVEIRA, G. S. de; SANTOS, A. C. O. dos; SCHNEKENBERG, G. F. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 44, p. 36-51, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

KRAUSE, Keith. Theorizing Security, State Formation and the 'Third World' in the Post-Cold War World. In: AYOOB, Mohammed. **The Third World Security Predicament: State-Making, Regional Conflict, and the International System**. **Review of International Studies**, v. 24, n. 1, pp. 125-136, 1998.

LARA, A. M. de B.; MOLINA, A. A. Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: TOLEDO C. de A. A. de T; GONZAGA, M. T. C. G. **Metodologia e Técnicas de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2011. p. 121-173.

- LEEUWEN, Theo van. The semiotics of movement and mobility. **Multimodality and society**, v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/2634979521992733>>. Acesso em 20 set. 2024.
- LENIN, Vladimir I. **O Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo**. Campinas: Navegando Publicações, 2011.
- LEPORE, Jill. **Estas verdades: a história da formação dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- MASSARI, Alice. Visual Securitization, Humanitarian Representations and Migration Governance. **Springer**, 2021.
- MANDELBAUM, Michael. Vietnam: Television War. **Daedalus**, v. 111, n. 4, p. 157-169, 1982. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/20024822>>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- MILLER, Edward; VU, Tuong. The Vietnam War as a Vietnamese War: Agency and Society in the Study of the Second Indochina War. **Journal of Vietnamese Studies**, v. 4, n. 3, 2009. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.1525/vs.2009.4.3.1>>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- MITCHELL, William John Thomas. **Picture Theory**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- MITCHELL, William John Thomas. Pictorial turn: uma resposta. **Lebenswelt**, n. 2, p. 130-143, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/307811531_Pictorial_turn_Una_risposta> Acesso em: 15 fev. 2024.
- MONK, John. Arrows can be dangerous. **TripleC**, v. 11, n. 1, pp. 67-92, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/324862922_Arrows_Can_Be_Dangerous>. Acesso em 16 set. 2024.
- MOYAR, Mark. **Triumph Forsaken: The Vietnam War, 1954-1965**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- MUHAMMAD, Ali; RIYANTO, Sugeng. Estudos de Segurança Internacional: Origens, Desenvolvimento e Abordagens Divergentes. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, v. 10, n. 20, p. 237-258, 2021. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/austral/article/download/117331/66016>> . Acesso em: 22 mar. 2024.
- MURRAY, Stuart. **Eyewitness: Vietnam War**. Nova Iorque: DK Publishing, 2005.
- NATIONAL ARCHIVES. **Pentagon Papers, 1940-1968**. Disponível em: <<https://www.archives.gov/research/pentagon-papers>>. Acesso em: 26 ago. 2024.
- NEALE, Jonathan. **A people's history of the Vietnam War**. Nova Iorque: New Press, 2003.

OFFICE OF THE HISTORIAN. **Memorandum From Secretary of Defense McNamara to President Johnson**, Washington, 1965. Disponível em:
<<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1964-68v03/d67>>. Acesso em 20 set. 2024.

PAN, Zhondang; KOSICKI, Gerald. Framing Analysis: An Approach to News Discourse. **Political Communication**, v. 10, pp. 55-75, 1993. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/248988086_Framing_Analysis_An_Approach_to_News_Discourse>. Acesso em: 22 mar. 2024.

PEACOCK, Margaret. **Innocent Weapons: The Soviet and American Politics of Childhood in the Cold War**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2014.

PEOPLES, Columba; VAUGHAN-WILLIAMS, Nick. **Critical Security Studies: an introduction**. Londres: Routledge, 2020.

PINGNEWS. **Vietnam War, 1968 by USIA**, 2007. Disponível em:
<<https://www.flickr.com/photos/pingnews/520085780/in/photostream/>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

QUICKWORLD'S MAP OF THE DAY. **The French Conquest of Indochina**, 2022. Disponível em: <https://mapoftheday.quickworld.com/posts/the-french-conquest-of-indochina>. Acesso em: 15 ago. 2024.

QUINN-JUDGE, Sophie. **The Third Force in the Vietnam War: The Elusive Search for Peace 1954-75**. Londres e Nova Iorque: I.B Tauris, 2017.

QUINN-JUDGE, Sophie. **Ho Chi Minh: The Missing Years**. Oakland: University of California Press, 2002.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials**. Londres: SAGE Publications, 2001.

SÄRMÄ, Saara. Chapter 7: Collaging Iranian missiles. In: VUORI, Juha; ANDERSEN, Rune. **Visual Security Studies**. Londres: Routledge, 2018.

SÁ-SILVA, J. R; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. A virada e a imagem: história teórica do pictorial/iconic/visual turn e suas implicações para as humanidades. **Anais do Museu Paulista: São Paulo, Nova Série**, vol. 27, 2019, p. 1-51. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/gXrx9PJsXNWwpQthp5HNckn/?lang=pt>> . Acesso em: 15 fev. 2024.

SCHLAG, Gabi. Imaging security: a visual methodology for security studies. *In: Transformations of Security Studies*. Routledge, 2015. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/329780220_Imaging_securityA_visual_methodology_for_security_studies_Dialogues_diversity_and_discipline>. Acesso em: 29 jan. 2024.

SCHLIGHT, John. **The War in South Vietnam: The Years of the Offensive 1965-1968**. Air Force History and Museums Program, 1999.

SHERER, Michael D. Vietnam War Photos and Public Opinion. **Journalism Quarterly**, v. 66, n. 2, p. 391-530, 1989. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/107769908906600218>>. Acesso em: 22 ago. 2024.

SILVA, Carolina Cordeiro Viana; PEREIRA, Alexsandro Eugenio. A Teoria de Securitização e a sua aplicação em artigos publicados em periódicos científicos. **Revista Sociologia Política**, v. 27, n. 69, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/ygPZ8HJLnHCLWj4W5ZjxZKB/>. Acesso em: 18 mar. 2024.

SOUZA, Carolina Pereira de. República Socialista do Vietnã: contexto, política externa e trinta anos de relações com o Brasil (1989-2019). **Revista Conjuntura Austral**, v. 10, n. 50, 2019. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/PERRSD-3>. Acesso em

SPIVAK, Gayatri. **A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present**. Londres: Harvard University Press, 1999.

SQUIRE, Corinne. **O que é narrativa?** Civitas, v. 14, n. 2, pp. 272-284, 2014. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/17148/11473>>. Acesso em 24 set. 2024.

TAI, Hue-Tam. **Radicalism and the Origins of the Vietnamese Revolution**. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

TAGLIAPIETRA, Alberto. Media and Securitisation: The Influence on Perception. **IAI Papers**, v. 21, n. 34, 2021. Disponível em: <<https://www.iai.it/sites/default/files/iaip2134.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2024.

TANNO, Grace. A contribuição da Escola de Copenhague aos estudos de Segurança Internacional. **Contexto Internacional**, v. 25, n. 1, p. 47-80, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cint/a/cmMZVcmhLFZdMgVzB9k6dNw/?format=pdf&lang=pt#:~:ext=A%20Escola%20de%20Copenhague%20define,Buzan%2C%201991%3A96>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

THUAN, Pham Duc. THUAN, Tran Minh. The first Indochina war (1946–1954) and the Geneva agreement (1954). **Cogent Arts & Humanities**, v. 11, n. 1, 2014.

TWE REMEMBERS: The Pentagon Papers. Council on Foreign Relations, 2021. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/twe-remembers-pentagon-papers>>. Acesso em 20 ago. 2024.

VICENTE, Tânia Aparecida de Souza. Metodologia da análise de imagens. **Contracampo**, Niterói, v. 4, p. 147-158, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17306>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

VIETNAM WAR COMMEMORATION. **Geneva Accords and the Division of Vietnam**, [s.d.], [s.l.]. Disponível em:

<https://www.vietnamwar50th.com/1945-1964_the_road_to_war/Geneva-Accords-and-the-Division-of-Vietnam/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

VILLARD, Eric. When Did the Vietnam War Really Start?. HistoryNet, 2021. Disponível em: <<https://www.historynet.com/when-did-vietnam-war-start/>>. Acesso em 20 ago. 2024.

VUORI, Juha A. ANDERSEN, Rune S. **Visual Security Studies: Sights and Spectacles of Insecurity and War**. Nova Iorque: Routledge, 2018.

WEINSTEIN, Franklin B. Vietnam's Unheld Elections: The Failure to Carry Out the 1956 Reunification Elections and the Effect on Hanoi's Present Outlook. **The Cornell University Southeast Asia Program Data Paper**, n. 60, 1966.

WILLIAMS, Michael C. Words, Images, Enemies: Securitization and International Politics. **International Studies Quarterly**, v. 47, n. 4, p. 511-531, 2003. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3693634>>. Acesso em: 22 mar. 2024.

WOOD, Denis. **Rethinking the power of maps**. New York: The Guilford Press, 2010.

APÊNDICE A - QUADRO DE CODIFICAÇÃO DE IMAGENS VEICULADAS PELO THE NEW YORK TIMES EM JULHO DE 1965 ACERCA DA GUERRA NO VIETNÃ

Data	Foto	Cena	Sujeito primário	Retrato do sujeito	Perspectiva	Temas ligados à escalada do envolvimento estadunidense
01/07	1	Burocratas ingleses pedem paz no Vietnã c) não-combate	f) comunidade internacional	c) relativa integridade/segurança	b) vista de perto e localizada em algo específico	g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"
01/07	2	Helicóptero estadunidense em selva vietnamita para "caçar vietcongues" b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	d) armas/equipamentos	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	c) retrato perigoso de revolucionários; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
02/07	3	Jato estadunidense danificado após suposto ataque vietcongue b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	d) armas/equipamentos	d) armas, equipamentos ou alvos militares em estado de destruição	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	c) retrato perigoso de revolucionários
02/07	4	Reunião entre Taylor (embaixador estadunidense), Black (conselheiro econômico e de desenvolvimento) e Ky (premier sul-vietnamita) c) não-combate	g) aliados	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"

03/07	5	Black vai ao Vietnã para estudo econômico c) não-combate	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"
04/07	-	-	-	-	-	-
05/07	6	Celebrações de 4 de julho no Vietnã (canhão) c) não-combate	d) armas/equipamentos	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
05/07	7	Chegam aviões dos EUA para ajudar tropas terrestres b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	d) armas/equipamentos	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
06/07	8	Civil sul-vietnamita ferido após ataque vietcongue b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	e) civis vietnamitas	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis
07/07	9	Tropas estadunidenses no Vietnã b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
09/07	10	Soldado dos EUA é resgatado no mar (tropas estadunidenses no Vietnã)	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional

		b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo				
10/07	11	Thant (Secretário da ONU) consulta UK sobre questão do Vietnã (foto de reunião com Wilson, 1º min.) c) não-combate	g) comunidade internacional	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"
11/07	12	Civis (incluindo crianças) são guiados pela Marinha estadunidense para longe da zona de combate após os EUA destruírem dois MIGs do Norte b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	e) civis vietnamitas	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
11/07	13	Soldado estadunidense ordena suspeito vietcongue (foto com ele de frente e suspeito de costas) b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	c) inimigo	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	c) retrato perigoso de revolucionários; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
12/07	14	Soldados posam sorrindo ao lado de veículo aéreo dos EUA e contam ao jornal	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional

		como foi a derrubada dos MIGs c) não-combate				
13/07	15	Tropas da marinha estadunidense retiram cerca de vietcongues de base militar (foto de tropas chegando de navio) c) não-combate	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
13/07	16	Embaixador Harriman vai a Moscou para falar com a URSS sobre a questão do Vietnã (foto apertando mãos com Kohler, outro embaixador) c) não-combate	g) comunidade internacional	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional; g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"
15/07	-					
16/07	17	<i>Poetic Revolutionary</i> : perfil de Ho Chi Minh (foto de seu rosto) c) não-combate	c) inimigo	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	a) simbologia comunista
17/07	18	Líderes em Saigon pedem mais tropas a McNamara (foto com Lodge, embaixador dos EUA no Sul, McNamara, General Thieu, e premier Ky) c) não-combate	b) aliados	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional; g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"

18/07	-					
19/07	19	McNamara “lança” bombardeio contra Norte (foto de McNamara sorrindo com general Wheeler ao observar a decolagem) a) combate, com tropas e/ou armamento	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional; g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"
19/07	20	McNamara conversa com Coronel Wheeler durante sua visita no Sul c) não-combate	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
20/07	21	McNamara coloca medalha em soldado estadunidense ferido e acamado durante sua visita ao Sul b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	a) estadunidenses	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	a) vista de perto e localizada em algo específico	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
21/07	22	Estudantes vietnamitas fazem protesto anticomunista c) não-combate	e) civis vietnamitas	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	a) simbologia comunista; d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis
22/07	23	Reunião para que McNamara dê a Johnson seu relatório da viagem no Vietnã (na foto estão eles e diversos outros políticos e burocratas à mesa)	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional; g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"

		c) não-combate				
22/07	24	Prof. Robert Brown fala sobre demandas do Norte em relação à retirada parcial ou total dos EUA (figura é mapa que compara 'áreas de dominação' propostas pelos dois, com a versão do Norte de maioria comunista e a dos EUA alegadamente mais equilibrada) c) não-combate	c) inimigos	c) relativa integridade/segurança	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores	f) a figura do mapa como instrumento que denota dominação territorial; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
23/07	25	Soldado estadunidense atravessa ponte precária atribuída a vietcongues c) não-combate	a) estadunidense	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente.	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
24/07	26	Pilotos da marinha usam motocicletas para chegar rápido à base militar c) não-combate	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
25/07	-					
26/07	27	Mulher (civil) rema em canoa com rangers sul-vietnamitas para os guiar b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	e) civis vietnamitas	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis

26/07	28	Mulher e seus filhos molhados ao buscar abrigo pós-ação de governo contra guerrilhas no Sul b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	e) civis vietnamitas	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	a) vista de perto e localizada em algo específico	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis
27/07	29	Soldados sul-vietnamitas torturam suspeitos com varas e água (1) b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	c) inimigo	a) risco imediato de vida	a) vista de perto e localizada em algo específico	c) retrato perigoso de revolucionários
27/07	30	Soldados sul-vietnamitas torturam suspeitos com varas e água (2) b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	c) inimigo	b) risco imediato de vida	a) vista de perto e localizada em algo específico	c) retrato perigoso de revolucionários
27/07	31	Soldados sul-vietnamitas torturam suspeitos com varas e água (3) b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	c) inimigo	c) risco imediato de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	c) retrato perigoso de revolucionários
28/07	-	-	-	-	-	-

29/07	32	Anúncio de escalada + Manchete “ <i>urges U.N for peace</i> ” (foto grande de Goldberg, representante dos EUA na ONU, com Thant, Secretário Geral) c) não-combate	g) comunidade internacional	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional; g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica";
29/07	33	Operador de armas sul-vietnamita pede que parem de atirar a) combate, com tropas e/ou armamento	b) aliado	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	a) vista de perto e localizada em algo específico	c) retrato periculoso de revolucionários
29/07	34	Soldado estadunidense ferido pós-ataque a) combate, com tropas e/ou armamento	a) estadunidense	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	a) vista de perto e localizada em algo específico	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
29/07	35	Soldados estadunidenses assistem ao pronunciamento de Johnson na TV c) não-combate	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional; g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"
29/07	36	Johnson em Conferência de Imprensa sobre escalada c) não-combate	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional; g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"
30/07	37	Navio repleto de soldados estadunidenses chegando b) situação ligada ao combate, mas não com	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional

		conflito armado ativo				
30/07	38	Soldados estadunidenses em tocaia para atacar guerrilhas b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
30/07	39	Soldados estadunidenses atravessando águas à procura de guerrilhas b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional

APÊNDICE B - QUADRO DE CODIFICAÇÃO DE FRAMES DO DOCUMENTÁRIO “WHY VIETNAM”

Sequência de frames	Cena	Sujeito primário	Retrato do sujeito	Perspectiva	Temas ligados à escalada do envolvimento estadunidense
1 (Discurso de Lyndon B. Johnson)	c) não-combate	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
2 (Soldado estadunidense no Vietnã)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
3 (Criança vietnamita chorando)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	e) civis vietnamitas	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	a) vista de perto e localizada em algo específico	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis
4 (Cena de destruição civil)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	f) patrimônio	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores	c) retrato perigoso de revolucionário
5 (Chegada de Hitler e Chamberlain para conferência)	c) não-combate	c) inimigo	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	b) a ideia de um inimigo em comum (URSS, China e/ou outros)
6 (Destruição de patrimônio civil pós-IIGM)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	f) patrimônio	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas	b) a ideia de um inimigo em comum (URSS, China e/ou outros)

				e/ou objetos menores	
7 (Mussolini discursa sobre ação na Etiópia)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	c) inimigo	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	b) a ideia de um inimigo em comum (URSS, China e/ou outros)
8 (Conflito armado no território etíope)	a) combate, com tropas e/ou armamento	c) inimigo	a) risco imediato de vida	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores	b) a ideia de um inimigo em comum (URSS, China e/ou outros)
9 (Imperador etíope discursa na Liga das Nações)	c) não-combate	g) comunidade internacional	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	b) a ideia de um inimigo em comum (URSS, China e/ou outros)
10 (Simbologia nazista - insígnia e pessoas saudando)	c) não-combate	c) inimigo	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	b) a ideia de um inimigo em comum (URSS, China e/ou outros)
11 (Cenas de combate na Coreia)	a) combate, com tropas e/ou armamento	b) aliados	a) risco imediato de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	b) a ideia de um inimigo em comum (URSS, China e/ou outros); e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
12 (Discurso de Lyndon B. Johnson - <i>“lesson had been learned: aggression unchallenged is aggression unleashed”</i>).	c) não-combate	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica" de guerra; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional

13 (Imagem panorâmica do Vietnã com franceses chegando de paraquedas para integrar o conflito)	a) combate, com tropas e/ou armamento	c) inimigos	a) risco imediato de vida	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores	b) a ideia de um inimigo em comum (URSS, China e/ou outros); e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
14 (Civis vietnamitas em situação de vulnerabilidade)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	e) civis vietnamitas	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	a) vista de perto e localizada em algo específico	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis
15 (Frame da bandeira vermelha + estrela até a população "as the communist forces take over).	c) não-combate	c) inimigo	c) relativa integridade/segurança	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores	a) simbologia comunista; b) a ideia de um inimigo em comum (URSS, China e/ou outros); d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis
16 (Conferência de Genebra)	c) não-combate	g) comunidade internacional	c) relativa integridade/segurança	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores	g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica" de guerra
17 (Civis vietnamitas em situação de vulnerabilidade)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	e) civis vietnamitas	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	a) vista de perto e localizada em algo específico;	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis
18 (Guardas estadunidenses provendo auxílio e recursos à população vietnamita)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional

19 (Mapa e visão panorâmica para explicar separação do Vietnã)	c) não-combate	c) inimigos	c) relativa integridade/segurança	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores	a) simbologia comunista; f) a figura do mapa como instrumento que denota dominação territorial
20 (Ho Chi Minh com crianças)	c) não-combate	c) inimigo	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	a) simbologia comunista; d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis; c) retrato perigoso de revolucionário
21 (Eleições que alegadamente só ocorrem no Sul)	c) não-combate	e) civis vietnamitas.	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
22 (Armamento mandado por Eisenhower pro Sul)	a) combate, com tropas e/ou armamento	d) armas/equipamento	e) armas, equipamentos ou alvos militares, mas não em estado de destruição	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente;	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
23 (Cenas de agricultores sob alegação de reforma agrária no Sul)	c) não-combate	e) civis vietnamitas.	c) relativa integridade/segurança	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
24 (Conferência de fundação da SEATO)	c) não-combate	g) comunidade internacional	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente;	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional

25 (Cena de oposição entre civis do Sul trabalhando e ataques armados que resultam em morte e destruição civil)	a) combate, com tropas e/ou armamento; c) não-combate	e) civis vietnamitas;	a) risco imediato de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis; c) retrato perigoso de revolucionário
26 (Avanços de vietcongues)	a) combate, com tropas e/ou armamento	c) inimigo	c) relativa integridade/segurança; d) armas, equipamentos ou alvos militares em estado de destruição	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	c) retrato perigoso de revolucionário
27 (Civis mortos)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	e) civis vietnamitas	a) risco imediato de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis
28 (Sequência foto Ho Chi Minh e bandeira)	c) não-combate	c) inimigo	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	a) simbologia comunista
29 (Sobreposição de mapa sobre população 'comunista' trabalhando)	c) não-combate	e) civis vietnamitas	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	a) simbologia comunista; f) a figura do mapa como instrumento que denota dominação territorial
30 (Recursos minerais sendo extraídos no Sul + industrialização)	c) não-combate	e) civis vietnamitas	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional;
31 (Discurso de Eisenhower)	c) não-combate	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos	g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"; e) defesa da necessidade de

				inteiramente	intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
32 (Cenas de conflito no Vietnã)	a) combate, com tropas e/ou armamento	c) inimigos	a) risco imediato de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	c) retrato periculoso de revolucionários
33 (Burocratas e soldados estadunidenses)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
34 (Soldados estadunidenses auxiliando vilarejos remotos)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	a) estadunidenses	b) dano à integridade psicológica/física, mas sem risco de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional; d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis
35 (Visão panorâmica de chegada de armamentos e tropas estadunidenses e vietnamitas treinadas por estadunidenses)	a) combate, com tropas e/ou armamento	d) armas/equipamento	e) armas, equipamentos ou alvos militares, mas não em estado de destruição	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional;
36 (Soldados e população sul-vietnamita recebendo cuidados médicos)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	e) civis vietnamitas	a) risco imediato de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente;	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis
37 (Discurso Lyndon B. Johnson)	c) não-combate	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a

					ordem internacional; g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"
38 (Tropas e mísseis estadunidenses chegando no Norte)	a) combate, com tropas e/ou armamento	d) armas/equipamento	a) risco imediato de vida	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
39 (Discurso McNamara)	c) não-combate	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional; g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"
40 (Captura de armamento vietcongue)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	d) armas/equipamento	e) armas, equipamentos ou alvos militares, mas não em estado de destruição	a) vista de perto e localizada em algo específico	c) retrato periculoso de revolucionário; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
41 (Mesa de conversa com Ho Chi Minh)	c) não-combate	c) inimigo	c) relativa integridade/segurança	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente;	g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"
42 (Discurso Dean Rusk)	c) não-combate	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
43 (Discurso Johnson)	c) não-combate	a) estadunidense	c) relativa	a) vista de perto e	g) ideia de "guerra 'limpa',

			integridade/segurança	localizada em algo específico	efetiva e tecnológica"; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
44 (Patrimônio de soldados estadunidenses destruído)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	f) patrimônio	d) armas, equipamentos ou alvos militares em estado de destruição	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional; c) retrato periculoso de revolucionários
45 (Ataque à embaixada dos EUA em Saigon)	a) combate, com tropas e/ou armamento	a) estadunidenses	a) risco imediato de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional; c) retrato periculoso de revolucionários
46 (Soldados estadunidenses chegando no Vietnã e atirando).	a) combate, com tropas e/ou armamento	a) estadunidenses	a) risco imediato de vida	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas e/ou objetos menores	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
47 (Soldados estadunidenses feridos e mortos)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	a) estadunidenses;	a) risco imediato de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
48 (Frames de de vietnamitas sérios)	c) não-combate	e) civis vietnamitas	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis
49 (Tropas estadunidenses chegando em navio)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	c) distância maior, enfatizando o <i>background</i> em detrimento de pessoas	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a

				e/ou objetos menores	ordem internacional
50 (Mais cenas de sofrimento de civis)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	e) civis vietnamitas	b) risco imediato de vida	b) distância mediana, sendo possível visualizar pessoas ou objetos inteiramente	d) retrato de civis vietnamitas como vulneráveis
51 (Discurso Johnson)	c) não-combate	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
52 (Jovens estadunidenses em atividades corriqueiras)	c) não-combate	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
53 (Retrato de Ho Chi Minh e imagem de Mao)	c) não-combate	c) inimigo	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	a) simbologia comunista b) a ideia de um inimigo em comum (URSS, China e/ou outros)
54 (Mais imagens de Estadunidenses chegando)	b) situação ligada ao combate, mas não com conflito armado ativo	a) estadunidenses	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional
55 (Discurso Johnson)	c) não-combate	a) estadunidense	c) relativa integridade/segurança	a) vista de perto e localizada em algo específico	g) ideia de "guerra 'limpa', efetiva e tecnológica"; e) defesa da necessidade de intervir e da honra estadunidense perante a ordem internacional